convergência

JAN/FEV 1972 — ANO V — N.º 42

VR expressão de fé e de realização afetiva

PUBLICAÇÕES
CRB

NOVA COLEÇÃO:
VIDA RELIGIOSA

ADQUIRA
NA SUA REGIONAL

N.º 1 — IX ASSEMBLÉIA GERAL DA CRB
Seus discursos
Suas alocuções
O Relatório Trienal

N.º 2 — VIDA RELIGIOSA
E TESTEMUNHO PÚBLICO
J. B. Libânio, SJ

N.º 3 — PERSPECTIVAS CONCILIARES
E RENOVAÇÃO DA ESCOLA CRISTÃ
Ir. Eugênio Alberto Fossá, Lassalista

N.º 4 — VIDA RELIGIOSA E SECULARIZAÇÃO
L. Boff, OFM

CONVERGÊNCIA — Revista da C. R. B.

Diretor-Responsável:
Frei Constâncio Nogara

Redator-Responsável:
Padre Marcos de Lima

Direção, Redação, Administração:
Av. Rio Branco, 123 — 10.º andar
Rio de Janeiro (ZC-21) GB
Endereço telegráfico: Conferência Rio

Assinaturas para 1972:

Brasil: via terrestre	Cr$	30,00
via aérea	Cr$	35,00
Exterior: via marítima..	US$	10,00
via aérea	US$	15,00
Avulso	Cr$	3,00

Os artigos assinados são da responsabilidade pessoal de seus autores.

Composição: Compositora Helvética Ltda., rua Aníbal Benévolo, 173 — Rio de Janeiro — GB.

Impressão: Oficinas Gráficas da Editora VOZES Ltda., rua Frei Luís, 100 — Petrópolis, RJ.

EDITORIAL 1
INFORME 3

A VIDA RELIGIOSA, EXPRESSÃO DE FÉ EM JESUS CRISTO E DE REALIZAÇÃO AFETIVA DA PESSOA HUMANA, Luciano Mendes de Almeida 9

REUNIÃO DOS CENTROS EUROPEUS DE PREPARAÇÃO PARA A AMÉRICA LATINA, Jesus Ortuño 20

A PACIÊNCIA, CARACTERÍSTICA DO CRISTÃO, Augusta Ghisleni 25

O SIGNIFICADO E A FUNÇÃO DA VIDA SALESIANA NA IGREJA 32

O LUGAR QUE A MULHER MERECE, A. Dall'Osto 34

ESTUDO SOCIOGRÁFICO DOS RELIGIOSOS E RELIGIOSAS DA AMÉRICA LATINA, Documento da CLAR 38

BETÂNIA, PEQUENA EXPERIÊNCIA DE CASA DE ORAÇÃO, Aracy Cardoso 46

A REGIONAL DE FORTALEZA 53

ESTANTE DE LIVROS 57

EDITORIAL

Pela primeira vez
nos dirigimos aos nossos
Leitores e Leitoras
neste ano de 1972.
Com alegria o fazemos.
São vários os motivos.

Recebemos, em 1971, apoio
fora do comum pela orientação
dada à revista.

Estes testemunhos de incentivo,
expresso também por considerável
aumento de assinaturas, foram
para nós um voto de confiança.

De confiança e de apelo
para continuarmos e melhorarmos,
aprofundando aspectos teológicos
da Vida Religiosa,
inserida na Igreja.

Um meio de comunicação
é portador de mensagem ao leitor,
de uma resposta a necessidades
ou a interrogações que o homem
levanta. Quem faz um jornal
ou revista é o leitor,
com seu apoio e sua crítica.

Estamos sempre à espera
de suas contribuições.

Com a preocupação de um diálogo
mais profundo e rico,
com os religiosos e religiosas,
a programação de **Convergência,**
em 1972, proveio de sugestões
da base: FÉ E ESPERANÇA.

Os 10 números de Convergência
terão como tema central
uma ou outra destas virtudes.

Pelo fato de sermos religiosos
não estamos isentos de dúvidas,

C. R. B.
BIBLIOTECA
R. DOM GERARDO, 40-5.º
RIO - GB.

interrogações, buscas, quedas, retrocessos, conversão. O mundo, também para nós, apresenta enigmas, mistérios, vazios, vivências, trevas, morte.

Cristo veio e aceitou totalmente a situação do homem, sendo um dos nossos. Alcançou-nos na viagem, peregrinando.

Transmitiu-nos uma mensagem de amor. E nos deixou em caminho, peregrinando. A partir de então vivemos da **fé**, aguardando o reencontro. Vivemos também da **esperança**, na certeza de termos a força de chegar até o fim, não obstante os percalços.

Cristo é o centro da vida religiosa. Deve ele totalizar a vida do religioso.

É o que mostra o **Pe. Mendes de Almeida**, numa bela reflexão (já apresentada na IX Assembléia Geral da CRB) sobre a pessoa do Cristo e a realização afetiva da pessoa humana.

Irmã Augusta focaliza a virtude da paciência.

A partir deste número publicaremos uma breve reportagem sobre cada região do Brasil. Igualmente iniciamos a publicação de um valioso estudo sociográfico dos religiosos e religiosas da América Latina. Tais dados obrigam-nos a repensar as atividades, em função do ambiente em que vivemos. Deixamos em suas mãos a nova Convergência.

Frei Constâncio Nogara

Secretário Executivo da CRB

INFORME

CONFERÊNCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL

SOBRE A SITUAÇÃO ECONÔMICO-FINANCEIRA

No dia 18 de janeiro de 1972 foi enviado a todos os Superiores Maiores do Brasil um documento que constava de:

— Uma carta de apresentação.

— Um relatório de toda a evolução do problema desde o fim da Assembléia Geral em julho de 1971 até janeiro de 1972, dividido em três grandes capítulos.

— Quatro anexos complementares e elucidativos.

Foi enviado aos Superiores Maiores, porque a fórmula de solução ali proposta, fruto de difíceis e laboriosos entendimentos, era diversa da solução votada na Assembléia Geral. Prudencialmente, a Diretoria Nacional quis ter o parecer dos Superiores Maiores. O mesmo documento foi enviado também a todos os credores não-civis da CRB, a fim de informá-los e pedir-lhes a autorização para levar a efeito a solução proposta.

Embora o tempo tenha sido relativamente curto, era o de que dispúnhamos para esta consulta. Vários receberam a correspondência depois do prazo da resposta. A esmagadora maioria, porém, recebeu-o a tempo, o que fica plenamente comprovado pela procedência dos telegramas e por suas datas. Das respostas recebidas com data até 2 de fevereiro, 92% foram favoráveis ao ACORDO; 6% solicitaram Assembléia e 2% optaram pela solução judicial.

Posteriormente ao dia 2 de fevereiro continuaram chegando sempre cartas e procurações. Estas últimas só devem ser passadas pelos que são credores religiosos da CRB.

Os entendimentos em vista da concretização do ACORDO com os credores civis prosseguem em bom ritmo embora haja naturalmente inúmeros problemas a contornar e dificuldades muito sérias a superar, uma vez que o ACORDO se fará recebendo os credores civis apenas 60% do seu crédito, sem juros de praticamente 18 meses sobre o principal, sem juros de mora e com a obrigação de levantar todas as ações judiciais em curso, além de que o pagamento se protrai por 14 meses pelo menos, com uma depreciação, pois, substancial dos valores em questão.

O pagamento aos credores religiosos se fará nos termos indicados na correspondência de 18 de janeiro de 1972 e supõe, como fica claro ali, um esforço conjunto entre nós, esforço este ao qual não tem faltado a colaboração de muitas congregações e províncias, embora seja ainda no momento insuficiente para o que nos propúnhamos no referido documento.

XI REUNIÃO DA JUNTA DIRETIVA DA CONFEDERAÇÃO LATINO-AMERICANA DE RELIGIOSOS (CLAR)

1. A CLAR, QUE REÚNE AS Conferências de Religiosos e Religiosas da América Latina, é o órgão máximo de coordenação de vida religiosa no Continente. Anualmente sua Diretoria se reúne, sempre em países diferentes, para tratar de assuntos ligados à vida religiosa. Neste ano a reunião teve lugar em Cochabamba (Bolívia), entre 6 e 13 de fevereiro. Todos os membros da Diretoria compareceram, em número de 16. Três representantes para cada uma das quatro regiões em que se divide a América Latina.

Região A: Costa Rica, Cuba, El Salvador, Guatemala, Haiti, Honduras, México, Nicarágua, Panamá, Porto Rico, República Dominicana. **Região B:** Colômbia, Venezuela, Equador e Perú. **Região C:** Argentina, Bolívia e Chile, Paraguai e Uruguai. **Região D:** Brasil.

Representaram o Brasil: Ir. Helena Ferreira, Ir. Arno Bonfleur, Pe. Faliero Bonci. A coordenação dos trabalhos ficou com o Presidente e os três vice-presidentes.

2. Pauta da reunião

A REUNIÃO DA DIRETORIA TEVE dois assuntos principais: **a)** Preparar a pauta para a reunião da V Assembléia Geral da CLAR, a se realizar no final de 72 ou início de 73. **b)** Aprovar o texto final do estudo sobre **A Religiosa Hoje na América Latina.** Foram ainda apresentados os relatórios do Presidente e do Secretário Geral. Cada Conferência apresentou a situação atual da vida religiosa em seus países. E, por fim, se fêz um balanço dos projetos em andamento e de novos compromissos.

3. O Documento sobre a Religiosa

TRATA-SE DE UM TRABALHO cuidadosamente preparado, através de uma consulta a milhares de religiosas, em todos os países da América Latina. O resultado deste primeiro levantamento foi confiado a uma comissão de religiosas que se reuniu em Bogotá, onde procederam à primeira elaboração do texto. Este passou por uma segunda redação, em outro encontro havido no México, sendo agora aprovado em definitivo pela Diretoria da CLAR. Ao texto falta apenas a aprovação da Santa Sé, vindo então à lume. Damos apenas os títulos gerais da obra.

I — A Religiosa na América Latina

Situação Latino-americana
A Mulher
A Igreja
A Religiosa

II — A Mulher à Luz do Plano Divino

A Partir da Revelação
A Partir da Antropologia

III — Respostas

Tomada de Consciência e Compromisso

Resposta da Religiosa como Parte da Igreja
Resposta da Comunidade Religiosa.

IV — Conclusão

Tão logo o texto seja liberado, a CRB o traduzirá e publicará. Temos certeza que o assunto será de sumo interesse para as 41.000 religiosas que trabalham por todo o Brasil.

4. Outras iniciativas da CLAR

A CLAR QUE CONGREGA OS 180.000 religiosos e religiosas da América Latina publica mensalmente um Boletim, dando notícias das diversas Conferências de Religiosos. Já publicou três coleções de estudos sobre Vida Religiosa ligada à realidade de Igreja e desenvolvimento da América Latina. Seu Presidente, Pe. Manuel Edwards, bem como o Secretário Geral, Pe. Luis Patiño, mantém uma estreita comunicação com todas as Conferências, com organismos de ajuda à América Latina e com a Sagrada Congregação dos Religiosos, muito ajudando às Congregações.

5. Projetos para 72-73

NO ENCONTRO DE COCHABAMBA foram projetados os seguintes estudos: **1.º)** Vida Religiosa e Missões na América Latina. **2.º)** Os religiosos e a situação sócio-política na América Latina. **3.º)** O sacerdócio de religiosos na América Latina. **4.º)** Acolhida de religiosos na América Latina. **5.º)** Abandono da vida religiosa. **6.º)** Participação das religiosas na promoção da mulher. **7.º)** Os religiosos irmãos.

ENCONTRO DE TODOS OS SECRETÁRIOS EXECUTIVOS

DE 18 A 23 DE FEVEREIRO SE realizou em Petrópolis, Estado do Rio de Janeiro, o encontro anual dos Secretários Executivos das 14 Regionais da CRB. **Porto Alegre,** Ir. Joaquim Deites Sfrendo; **Florianópolis,** Pe. Constantino Demarchi; **Curitiba,** Pe. Ivo Coppi; **São Paulo,** Pe. Antônio Nulle; **Rio de Janeiro,** Ir. Antônia Azcune; **Belo Horizonte,** Ir. Mercedes Viana; **Goiânia,** Ir. Celeste Borges; **Campo Grande,** Ir. Maria Elisa Mazzei; **Salvador,** Ir. Maria do Carmo Martins; **Recife,** Pe. Geraldo Pennock; **Fortaleza,** Pe. Venceslau Wallerus; **São Luís,** Pe. Jorge Jolly; **Belém,** Pe. João Derickx; **Manaus,** Ir. Yara Magalhães. Participaram, por parte do Executivo Nacional: Frei Constâncio Nogara, Ir. Nilza Junqueira Reis, Pe. João Marcos de Lima. No dia 24 houve um encontro conjunto dos Executivos com a Diretoria Nacional.

Programa

O ENCONTRO ANUAL DOS SECRETÁRIOS visa um conhecimento mútuo mais profundo, melhor comunicação de experiências e programas, num esforço de incentivar a promoção e animação da vida religiosa. Através dos relatórios de cada regional pode-se constatar o

muito que se faz em bem dos religiosos e das religiosas. O Executivo Nacional também apresentou o relato de suas atividades e o programa para o presente ano. Houve entre todos uma grande coincidência de esforços, em vista do mesmo fim.

Conclusões

HOUVE POR PARTE DO EXECUTIVO Nacional a proposta da criação de um curso por correspondência sobre teologia da vida religiosa, a montagem de uma fitoteca para servir as comunidades mais isoladas do interior, e, por fim, a montagem de um curso (Instituto) de seis meses a um ano, para tratar com mais vagar a teologia da vida religiosa, num contexto de Igreja. Todas estas propostas mereceram total apoio por parte de todos.

Falou-se igualmente em técnica de criatividade comunitária. Neste particular cada Regional tem liberdade de adotar o método que melhor lhe convier. Duas importantes conclusões a respeito de reflexão e núcleos.

— Em vista da importância que a reflexão teológica desempenha para a vida religiosa, todos os Executivos se comprometem em dinamizar ao máximo a equipe de reflexão teológica regional para ser auxílio e garantia nas programações religiosas da Regional.

— Sendo objetivo da CRB servir a todos os religiosos e sendo isto possível tão somente por um processo de descentralização e corresponsabilidade, a criação dos núcleos no interior (região, diocese) deve constituir uma prioridade da CRB-Regional.

No intuito de favorecer a comunicação Nacional-Regionais e vice-versa, marcamos as datas das Assembléias Regionais, em 1972:

São Paulo, 29-31 de maio.
Belo Horizonte, 5-8 de julho.
Salvador, 9-10 de setembro.
Recife, 12-14 de setembro.
Goiânia, 9-11 de outubro.
Florianópolis, 15-17 de outubro.
Curitiba, 19-21 de outubro.
Fortaleza, São Luís, Teresina, Belém: 5-19 de novembro.
Porto Alegre, Campo Grande, Rio de Janeiro, Manaus comunicarão em breve a data.

O encontro foi do agrado geral, seja pelo programa, seja pelo ambiente, como ainda pelas conclusões.

O ANUÁRIO CATÓLICO DO BRASIL

O ANUÁRIO CATÓLICO DO BRASIL, com aproximadamente 1.700 páginas, é uma obra publicada de cinco em cinco anos pelo Centro de Estatística Religiosa e Investigações Socials — CERIS.

O Anuário é um cadastro completo das pessoas físicas e jurídicas da Igreja no Brasil, ligadas às suas atividades pastorais e administrativas. Aborda, por isso, todas as entidades, pessoas e organizações pertencentes à Igreja e existentes no Brasil em 1970-1971, num total de:

13.292 sacerdotes, elencados nominalmente, com suas ocupações, endereços, nacionalidade, datas de nasci-

mento e ordenação, filiação religiosa e Circunscrição Eclesiástica a que pertencem;

5.433 paróquias, com seus endereços, vigários, santo titular e organizadas por Circunscrição Eclesiástica;

329 Institutos Religiosos Femininos, com sua denominação canônica, superioras, obras (assistenciais, hospitalares, educacionais, religiosas e pastorais) de que se ocupam, número de membros e endereços de suas casas, dispostas por Circunscrição Eclesiástica;

115 Institutos Religiosos Masculinos, com sua denominação canônica, superiores, atividades (educacionais, assistenciais, hospitalares, religiosas e pastorais) a que se dedicam, número de membros e endereços de suas Casas dispostas por Circunscrição Eclesiástica;

206 Circunscrições Eclesiásticas, com seus dados históricos, situação geográfica e municípios que as compõem, Bispo Titular, pessoas, entidades e órgãos de sua estrutura administrativa e pastoral tais como: Cúria, Cabido, Tribunal Eclesiástico, Conselho Presbiteral, Conselho Pastoral, Secretariado Pastoral, Áreas Pastorais, Movimentos de leigos, Instituições educacionais, Seminários, Paróquias, etc., e seus respectivos endereços;

242 Titulares das Sedes Episcopais, seus auxiliares ou coadjutores (Arcebispos, Bispos, Prelados e Abades), endereço de residência, datas de nascimento, ordenação, eleição, sagração episcopal e transferências;

3.950 Municípios elencados por ordem alfabética e Circunscrição Eclesiástica de que fazem parte.

Constará ainda do referido Anuário, em sua primeira parte, a organização e estrutura do governo universal da Igreja Católica, a Santa Sé, e, no Brasil, da Nunciatura Apostólica, da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) e Conferência dos Religiosos do Brasil (CRB) ao nível nacional e regional; na América Latina, do CELAM (Conselho Episcopal Latino-Americano) e CLAR (Conferência Latino-Americana dos Religiosos).

Como se pode notar, é obra imprescindível a quem pretende ter conhecimento das inúmeras e variadas atividades da Igreja, suas instituições, e com elas se relacionar nos mais distanciados recantos do país. É pois uma obra de consulta a se fazer presente nos escritórios, bibliotecas e organizações interessadas com pessoas e entidades da Igreja no Brasil. Como de costume, sua distribuição será feita entre as Embaixadas, organizações internacionais relacionadas com a Igreja, Universidades, entidades governamentais, empresas públicas e privadas, etc., além das organizações ou instituições religiosas, como é óbvio (Dioceses, paróquias, seminários, congregações religiosas, etc.)

O Anuário irá à gráfica em inícios de maio próximo e sua expedição é prevista para agosto.

II ASSEMBLÉIA DOS MOVIMENTOS DE JUVENTUDE

A II ASSEMBLÉIA DOS MOVIMENTOS de Juventude, motivada por grupos como TLC, CJC, Encontros, Shalon, Emaús e outros, se realizou em Itaicl, SP, de 25 a 27 de fevereiro. Participaram da Assembléia sacerdotes, religiosos, religiosas, leigos adultos, rapazes e moças. Os dados que seguem — muito significativos — fornecem uma visão da amplitude da Assembléia.

De **São Paulo,** participaram 110 pessoas: 44 rapazes e adultos, 14 religiosas, 23 sacerdotes. Representavam 34 cidades do Estado. Do **Paraná,** 32 representantes: 12 sacerdotes, 16 rapazes e adultos, 4 moças de 11 cidades diferentes. Da **Guanabara,** 32 pessoas; 15 rapazes e adultos, 7 sacerdotes, 5 moças e 5 religiosas. De **Goiás,** representando 7 cidades; 5 sacerdotes, 4 religiosas, 7 moças e 10 adultos e rapazes.

De **Minas Gerais:** 8 rapazes e adultos, 4 moças, 2 religiosas, 5 sacerdotes, representando 7 cidades. De **Mato Grosso,** representaram Cuiabá, Campo Grande, Corumbá, Ponta Porã e Três Lagoas: 2 sacerdotes, 7 rapazes e 7 moças. De **Brasília:** 4 moças, 2 sacerdotes, 2 rapazes. Do **Rio de Janeiro,** representando Niterói, Petrópolis, Campos: 1 sacerdote, 3 rapazes, 1 moça. De Maceió, **Alagoas:** o bispo auxiliar Dom Eliseu Gomes de Oliveira, 3 rapazes, 1 moça. De Florianópolis, **Santa Catarina:** 4 rapazes, 1 sacerdote. De Vitória e Cachoeiro, **Espírito Santo;** 2 sacerdotes e 2 rapazes. De **Porto Alegre,** dois sacerdotes.

Toda esta II Assembléia, em seus vários momentos — reflexão, trabalho em grupos, animação musical, plenários — se processou por uma dinâmica em que se focalizou não só o conhecimento das atividades específicas de cada grupo de juventude, mas sobretudo um aprofundamento para caminhar juntos. Esteve sempre presente a necessidade de uma fundamentação teológica para a problemática Igreja e Juventude.

A VIDA RELIGIOSA

EXPRESSÃO DE FÉ EM JESUS CRISTO E DE REALIZAÇÃO AFETIVA DA PESSOA HUMANA

LUCIANO MENDES DE ALMEIDA, SJ

PARA REFLEXÃO

— Conhecemos e cremos no amor que Deus tem para conosco (**1 Jo 4, 16**).

Assim S. João descreve sua experiência de fé em Jesus Cristo.

Aquele que contemplou, em quem tocou, com quem conviveu, era o Filho de Deus vivo. Elevado na Cruz, atrairia todos a Ele, (Jo 12, 13). João conheceu o dom que Cristo fêz de sua vida. Viu sua morte. E acreditou no amor de seu Deus.

Conhecemos o amor de Deus, porque Jesus Cristo deu sua vida por

nós (**1 Jo 3, 16 e 4,9**). Ele é a grande palavra de amor. Diz-nos seu amor dando sua vida por nós (**Jo 15, 13**).

Todo homem é chamado a conhecer a Jesus Cristo, a ouvir sua Palavra, a dicção de seu amor pela entrega de sua vida. Conhecendo a morte de Cristo por nós, somos todos ainda hoje convidados a crer no amor de Deus que se revela em seu Filho. O ato de fé é a resposta do homem ao amor de Cristo.

Se todo homem é chamado a crer no amor de Deus, há, no entanto, alguns que são "possuídos" por este amor em nível tão profundo que levam sua fé até a consagração total a Jesus Cristo, abandonando a Ele a vida e toda a esperança de realização afetiva humana.

Assim, os discípulos de Jesus deixaram **tudo** para seguir o Mestre. "Deixamos tudo", Mt 19,27; Lc 5,11. Ainda hoje, os que se consagram a Cristo repetem o gesto dos discípulos de seu tempo. É neste sentido que a vida religiosa pode se descrever como expressão radical e integral da fé em Jesus Cristo.

A **vocação** religiosa se identifica com a dicção progressiva do amor de Deus no íntimo da pessoa humana, suscitando no mistério da liberdade, uma resposta integral a este amor. O apelo de Deus vai nos possuindo por dentro. O amor de Deus torna-se mais forte do que todo outro amor até constituir-se como **prioritário.** A experiência de que Deus nos ama em Jesus Cristo é tão singular e inequívoca, que nos deixamos **possuir** por este amor e a ele respondemos com a consagração **total** de nossa vida.

É esta experiência íntima e inalienável deste amor misteriosamente gratuito pelo qual Deus nos possui em Cristo, que constitui o fundamento e a expressão de nossa realização humana na vida religiosa.

REALIZAÇÃO HUMANA E VIDA AFETIVA

Procuremos compreender o alcance que a vida religiosa, como resposta ao amor de Deus em nível de consagração, tem para a realização afetiva da pessoa humana.

**Numa época em que,
ao lado de muita dedicação
apostólica, de muita busca
de caminhos generosos ao serviço
de Deus, há tantos irmãos
que se sentem insatisfeitos,
irrealizados e quase frustrados
na vida religiosa, pode-se
auxiliar o avaliarmos qual é
a realização humana em termos
de vida afetiva que Deus reserva
para os que deixam tudo
para seguir a Jesus Cristo
como os primeiros discípulos.**

Não há felicidade fora do amor e da comunhão interpessoal.

O homem só se realiza no amor. Só se integra como pessoa pelo dom livre e desinteressado de si mesmo no amor.

Ao falarmos de amor humano, nosso pensamento se situa espontaneamente diante da amizade humana, do dom recíproco conjugal e das

alegrias da maternidade. E é justo. Quanta felicidade, quanto sorriso de plenitude revivem em nós quando trazemos à lembrança os exemplos que conhecemos de verdadeiro amor das pessoas entre as quais vivemos!

É pelo amor, nas suas mais variadas formas, que o homem integra sua vida íntima, e vence a própria solidão existencial.

É pelo amor desinteressado à pessoa amada que superamos a tirania do egoísmo, a instabilidade das reações superficiais, adquirimos constância nas dificuldades e nos tornamos capazes de paz e alegria interior. O dom dos esposos, a dedicação da mãe, a beleza da amizade, são, sem dúvida, o caminho habitual para a realização afetiva da pessoa humana.

Há, no entanto, um exemplo de vivência afetiva toda voltada para o próprio Deus e que revela o grau supremo de realização humana. É o que manifesta a vida de Jesus Cristo para com seu Pai. Os discípulos foram aos poucos percebendo que Ele vivia em seu íntimo um amor diferente de tudo o que eles conheciam e que lhe conferia uma plenitude afetiva incomparável. A presença do Pai se tornava perceptível nas alegrias e sofrimentos, nos momentos de paz e intimidade de Jesus (Mt 11, 25; 26, 39; Lc 23,34 e 46).

Era pelo Pai que Jesus se deixava possuir nas horas silenciosas da noite ou cedo antes do amanhecer (Mc 1,35; Lc 6,12). Era no Pai que encontrava alento, coragem e a razão de ser de sua vida (Jo 4,34; 5,30; 6, 38). Do imenso amor ao Pai nascia a compreensão pelos pecadores, a alegria pela revelação feita aos pequeninos e pela beleza dos lírios do campo. Seu amor encontrava tempo para entreter-se com as crianças (Mt 19,13), preocupava-se com a pobre mulher encurvada (Lc 13,12), compadeceu-se do leproso e do cego, foi procurar os homens perdidos e as mulheres em pecado.

Jesus aparece entre os homens como totalmente esquecido de si, como o homem-para-os-outros, no dizer de Paulo VI. Este amor, esta realização afetiva tão plena, levou-o à morte, ao dom consciente de si, como prova de amor ao Pai e aos homens (Jo 14,31; 15,13).

O que nos maravilha é que este mistério da vida íntima de Jesus para com o Pai, tenha se comunicado aos homens. Há pessoas que parecem, à primeira vista, viverem sós e, no entanto, possuem um equilíbrio afetivo, constância nos sofrimentos, tranqüilidade nas vicissitudes, que aos poucos revelam a presença interior de Alguém, que não é a pessoa amável e meiga nem do filhinho, nem da mulher ou do marido.

Há homens e mulheres que têm Deus presente em seu íntimo, como o Pai estava presente em Jesus. É o próprio Deus que está vivo em suas consciências, desde quando despertam até quando adormecem. É uma presença do tipo da amizade interpessoal, no entanto mais intima, mais profunda do que a própria presença afetiva resultante da consagração conjugal.

A história da humanidade mostra que em todos os tempos houve pessoas que se deixaram possuir por Deus numa experiência suave e transformadora de suas vidas. Os místicos indus nos descrevem sua vivência

"Deixamos tudo" Mt 19, 27.
Os que se consagram a Cristo
repetem o gesto.
Neste sentido, a vida religiosa
pode se descrever como expressão
radical e integral
da fé em Jesus Cristo.

do samadhi. O salmista canta a alegria de ter passado as noites atento amorosamente à presença de Deus (S1 62, 5). Depois de Cristo, o Pai se comunica na plenitude da revelação interior a homens e mulheres de um modo **novo** que os leva a reviver a intimidade da vida afetiva do próprio Jesus Cristo.

A todo homem é dado abrir-se à revelação do amor de Deus e responder a este amor pela fé. Há, no entanto, em relação a esta experiência do amor de Deus, tipos diferenciados na vivência da interpessoalidade. Assim como na vida de relacionamento humano há dimensões de entrega até o ápice da consagração afetiva recíproca que fecha o ciclo do amor, assim também pode haver graus na experiência do amor de Deus.

O grau de reciprocidade afetiva mais forte é aquele em que a criatura pode dizer com verdade a seu Criador que Ele é, não sòmente o termo absoluto de seu amor, mas que é dele que depende — e só dele — toda sua realização afetiva. Eis aí o que constitui, a nosso ver, o núcleo da vida religiosa. Ela é uma experiência total de fé em Jesus Cristo pela consagração imediata a Deus de toda a existência. A realização humana de quem assim se consagra a Deus, traduz-se por uma vivência afetiva e totalizante com aspectos originais se comparados a outros tipos de realização humana na base do amor. Procuremos analisar alguns destes aspectos característicos da realização afetiva do homem consagrado a Deus.

REALIZAÇÃO AFETIVA NA VIDA RELIGIOSA

Pelo amor oblativo o homem rompe o fechamento sobre si em que se enclausurava, deixando-se amar, consegue assumir a própria pobreza existencial, vence a solidão de seu eu pela presença interior do amado em seu coração e tende progressivamente a unificar os diversos centros de sua vida afetiva em volta de um amor prioritário.

A consagração a Deus pela vida religiosa, oferece à pessoa a possibilidade do grau mais elevado de integração do eu profundo, comunhão com o amado e unificação da vida afetiva. Examinemos brevemente estes aspectos.

1. Integração do eu profundo.

Aquele que ainda não teve experiência de ser amado, vive perdido na periferia de seu eu, sôfrego de vi-

vências atraentes, mas insignificantes e dispersivas. A insatisfação, gerada pelas vivências superficiais, cria aos poucos no homem uma ânsia de seriedade em relação à existência.

Quando o homem vence a dispersão da bagatela e entra em si, facilmente revive as situações penosas em que se encontrou desde a infância. Deixa-se, então, acabrunhar. Para todos, o **passado** possui um saldo de sofrimento e decepção.

Se nos absorvemos no **presente** que vamos vivendo, torna-se evidente a desproporção entre o que planejamos, o que queremos construir e o que de fato conseguimos realizar. Nasce uma forte sensação de vazio e frustração. A vida parece constantemente menor do que a queremos.

Nem adianta olhar para o **futuro.** É tudo tão misterioso. Ninguém sabe o que lhe sucederá no dia de amanhã. Além disso a preocupação com o futuro traz sempre a impressão de que estamos nos evadindo da realidade.

Assim, o homem que procura entrar em seu íntimo, sente-se diminuído, insatisfeito e temeroso. Daí a tentação fácil de voltar a mergulhar no fluxo das vivências superficiais e do ativismo.

É então que a experiência do amor pode ser decisiva. Quando surge na vida de alguém que curtia o mistério da própria solidão, a experiência de ser amado e de amar, tudo começa a se transfigurar. O homem cuja vida é assumida de verdade pelo amado, abandona a periferia de seu eu, aceita penetrar em seu íntimo, enfrentando com o amado a realidade de seu passado, de seu presente e de seu futuro.

O **passado** que traumatizava, uma vez confiado à pessoa que nos ama parece se diluir ao ser envolvido de compreensão e de afeto. Assim, uma infância infeliz, uma falta de carinho prolongada, que roubavam o gosto de suscitarmos as vivências do passado, deixam de ser atuantes pelo simples fato de se tornarem ocasião de maior afeto e amor na medida em que vão se tornando conhecidas e assumidas pela pessoa amada.

O **presente**, embora continue cheio de imperfeições, ao ser valorizado no diálogo amoroso não deixa mais resíduo de insatisfação.

E nem o **futuro** amedronta como antes. Perde uma parte de seu mistério, pois, seja qual fôr, será enfrentado ao lado de quem nos ama e isto dá segurança.

Esta progressiva integração da pessoa, que inclui a entrada no eu profundo e a unificação da própria história, graças à verdade de um amor humano que tudo assume, embora válida, é imperfeita se a comparamos com a experiência que nos é reservada ao sermos amados pelo próprio Deus.

Para todo homem existe um nível de solidão e de mistério que nenhum amor humano consegue penetrar e desvendar. É por isso que a descoberta de Deus e de seu amor transforma tanto a vida do homem. Deus me ama. Então, perdoa meu pecado, aproveita meus sofrimentos, dá sentido a tudo que parecia me diminuir a meus próprios olhos. Valoriza o que faço. Vê no escondimento. Descobre sempre a intenção de bem. Torna-se minha recompensa. E o futuro fica assegurado pela certeza de

DEUS ME AMA. Por isso,
perdoa meu pecado.
Aproveita meus sofrimentos.
Dá sentido a tudo que parecia
me diminuir a meus olhos.
Valoriza o que faço.
Torna-se minha recompensa.

seu amor de Pai. Deixando-me envolver pelo seu amor, entro na paz. Minha vida está nas suas mãos (Lc 23, 46).

A condição privilegiada de quem assume a vida religiosa é de experimentar este amor profundo de Deus com a força de um amor esponsal, **imediato** e **total.** Nisto consiste a realidade da consagração religiosa. É a **imediação** e a **totalidade** do amor prioritário a Deus que oferece à pessoa na vida religiosa uma possibilidade insuspeitada de integração do próprio eu. Aquele que me integra existencialmente com seu amor é Deus mesmo, o único que atinge o núcleo mais profundo de meu eu, ali onde não pode penetrar nenhum amante humano. Nem entre este amor profundo de Deus e meu eu há outro amor de mediação.

Aí está o primeiro aspecto característico da realização afetiva na vida religiosa. O amor que integra o homem e a mulher consagrada a Deus, levando a pessoa a assumir a verdade de seu presente, passado e futuro, é desde o início o que penetra até o núcleo mais recôndito de meu eu. Compreendemos então a simplicidade, a coesão e a força de integração afetiva de que é capaz o religioso, se for fiel ao apelo misterioso de Deus.

2. Alto nível de comunhão amorosa

A integração do eu profundo vem acompanhada de uma experiência peculiar de reciprocidade afetiva entre o homem e Deus. Para que este aspecto seja mais explicitado, convém atendermos ao que sucede na reciprocidade afetiva entre pessoas humana.

Desde o momento em que a pessoa humana se deixa amar, vai ao mesmo tempo interiorizando o amado e vencendo a solidão em que vivia. Esta presença inefável do amante no amado supera a presença meramente física ou imaginativa. Muito mais viva do que a presença de alguém **diante** de nós é de quem vive pelo afeto **em** nosso íntimo. A presença afetiva caracteriza todo amor humano.

No coração da mãe mora o filho amado. Nos filhos vive o amor e a presença da mãe. Dois amigos estão interiormente presentes um ao outro. O namorado acalenta no afeto a presença da pessoa amada e sabe, por sua vez, que ele habita no coração daquela a quem ama. É uma presença latente que emerge nos momentos em que o homem vence a distração e a

solicitação do ativismo e da luta pela vida. Nas alegrias e nos sofrimentos, nos momentos de plenitude, a pessoa amada aí está presente no íntimo de quem a ama, sorrindo e chorando na unidade de um mesmo grande amor. As vidas humanas assim se interpenetram de um modo profundo e misterioso.

Quando esta presença interior das pessoas amadas é recíproca, fecha-se o ciclo do amor e duas vidas fundem-se numa unidade afetiva crescente. No amor humano, um grau elevado de comunhão é vivido pelo dom recíproco da consagração conjugal. A vida matrimonial representa a possibilidade de uma contínua comunicação de pessoa a pessoa que pode atingir um estado afetivo no qual o amado vive no amante e o amante no amado.

O amor humano precisa, no entanto, de expressão sensível para entregar-se e se aprofundar numa comunhão sempre maior com o amado. É o gesto, o olhar, o sorriso, a palavra que traduzem aos poucos de um para o outro toda riqueza interior do amor. E a vida parece breve para esta linguagem em que os sinais se sucedem e se intensificam num anseio de comunicação, conhecimento e união sem medida.

O sinal, contudo, limita a comunicação. O interior é sempre maior do que sua expressão e não consegue todo se traduzir. Os sinais, sem poderem se multiplicar a gosto do amado, perdem-se no meio de outras atividades e as pessoas vão em seu íntimo aumentando a distância entre a vivência interior e sua dicção ao amado. É assim que a sucessão dos sinais através da vida vai suprindo a deficiência de comunicação atual e a intuição amorosa alimenta a esperança de uma comunhão sempre maior na certeza lábil de uma fidelidade recíproca.

É nesta reciprocidade afetiva, de ser amado e de amar, que a pessoa humana coloca sua realização: dar-se, ser acolhido e receber em si o amor sempre generoso do amado. Para o homem, o amor vale mais do que dinheiro, fama ou cultura. Fica, no entanto, o amor humano confinado à pobreza e imperfeição dos sinais pelos quais se manifesta. Fica ainda dependente da fidelidade do amado.

É aqui que a vida religiosa pode alcançar toda sua originalidade. A reciprocidade afetiva própria de amor humano, e especialmente da união conjugal, tornou-se imagem daquela a que é chamado o discípulo do Cristo pela sua consagração religiosa. Procuremos esclarecer este ponto.

Pela consagração religiosa da pessoa humana a Deus, fecha-se o ciclo da reciprocidade no amor. Deus ama, possui a criatura. A pessoa humana amando, deixa-se possuir pelo seu Criador, a ponto de poder expressar-se com verdade: "Meu Deus, sou **todo** teu". Não há para o religioso mediação de amor humano em nível de consagração.

Víamos como o limite de todo amor humano é a comunicação do próprio íntimo pelo sinal corpóreo. Quando é Deus quem amamos, o amante já é **interior** ao amado. A presença de Deus não é indigente de sinal como o amor humano que precisa da corporeidade para se manifestar. Não passa pelo gesto, pela palavra ou pelo olhar. Ela é interior ao espírito do homem e se revela no

momento mesmo em que Ele se abre à verdade de Deus que o ama. Deus está presente em sua transcendência. Está presente também o próprio Cristo. Pela Ascensão, ao voltar para o Pai (Jo 14,28) Jesus tornou-se **interior** aos homens, como o Pai é interior a Ele. (Jo 14,20 e 23; 17,23). A Fé em Jesus Cristo inclui a certeza de que Aquele a quem nos consagramos vive em nós pelo amor, é-nos mais íntimo do que nosso íntimo (1 Jo 4,9 e 5, 11-12).

Eis aqui, portanto, uma nova característica do amor de quem se consagra a Jesus Cristo. Há uma realização em nível de reciprocidade afetiva na qual o termo imediato da consagração é o próprio Cristo interior ao amante. Esta consagração é na linha da vivência esponsal, mas a supera, enquanto o amado torna-se **interior,** para além da expressão corpórea do amor.

O diálogo amoroso que define a vivência esponsal não se dá apenas nos momentos privilegiados, mas fugazes, do dia a dia. Para quem se consagra afetivamente a Deus há uma comunicação real e constante, mesmo que nem sempre consciente. A mãe que pensa em seu filho, sabe que ele pode não estar pensando nela. A mulher que ama seu marido aceita que ele possa em seu coração não estar avivando a presença dela.

No caso do religioso, Deus está sempre presente no seu coração. O amor de Deus é **sempre** recíproco. Impossível pensar em Deus sem que Ele esteja pensando em mim e me amando. Não há necessidade da expectativa de um encontro, como entre pessoas humanas que se amam. Todo pensamento, todo afeto, é já uma certeza de comunhão. Nem o tempo perturba esta experiência. O amor humano é frágil, e às vêzes, a infidelidade do amado vem destruir toda esperança de felicidade longamente acalentada. Quando é a Deus que nos consagramos, seu amor é verdadeiro, eterno e fiel. (Cor 10,13).

Esta presença interior de Deus tende a tornar-se cada vez mais consciente no religioso, na medida em que progride a sua vida de consagração. O crescimento é semelhante ao do amor humano. Há uma presença latente e constante de Deus que eclode nas grandes alegrias e sofrimentos. Nas ocasiões em que a pessoa se torna presente a si, encontra-se misteriosamente presente diante de Deus. Expande-se nos momentos de plenitude num diálogo de ampla comunicação É este diálogo interior que constitui a oração espontânea do religioso. É fruto de uma atuação do amado, no íntimo do próprio eu (**fundus animi**). Até mesmo a desolação, quando Deus parece ausente, é expressão de amor que cresce pelo desejo de possuir permanentemente o Amado.

Temos, assim, que a vida religiosa pode se definir como a consagração radical da pessoa humana a Deus até o nível de reciprocidade afetiva, com toda a experiência de presença e diálogo interior que isto inclui. É uma vivência toda especial de comunhão com Deus, cuja característica é a de oferecer o nível mais alto de intersubjetividade amorosa possível a uma pessoa humana, pela presença do amado **interior** ao amante, **contínua** e para **além da mediação corpórea** e da infidelidade do amado.

Este estado de consagração pode-se tornar cada vez mais forte e che-

gar a uma reciprocidade afetiva entre o religioso e Deus, que se traduz por um diálogo interior constante e por uma intencionalidade amorosa capaz de ir transformando cada ação do homem em sinal de comunhão com o Amado.

É no imediatismo desta intercomunicação amorosa entre os homens e o Pai, que Jesus Cristo continua a viver neste mundo a própria devolução eterna de seu amor ao Pai.

3. Unificação de todo amor por meio do amor prioritário

Nada disgrega tanto a vida interior como a existência na mesma pessoa de vários centros de unificação afetiva.

Assim, aquele que chega a experimentar um amor prioritário, tende aos poucos a reduzir a este amor todos aqueles a quem ama. Porisso, todo amor humano de tipo de consagração é também fator de unificação da vida afetiva e de pacificação da pessoa humana. O amor prioritário na sua função unificadora, não distancia os outros amores, mas os intensifica.

Assim, o pai que ama seu filhinho, envolve-o com o mesmo amor com que ama sua esposa. O amor prioritário a sua mulher, transborda para o filho, aproxima-o mais e por um título mais forte. A criança é amada em si mesma, mas na consciência viva de que é filho do amor à sua mulher. O mesmo se dá em toda a redução afetiva por meio de um amor prioritário.

No entanto, nenhum amor puramente humano tem condições de unificar toda a vida afetiva. Quantas vezes, pelo contrário, o amor de consagração a uma pessoa humana, por exemplo, o amor do marido, ao mesmo tempo que leva a mulher a assumir as amizades do esposo, leva-a também a rejeitar os que lhe são antipáticos ou ofensos. A vida humana fica afetivamente dissociada e o amor universal torna-se praticamente irrealizável.

O amor a Jesus Cristo tem poder de reduzir todo outro amor à sua unidade. Quando o amor a Jesus Cristo é prioritário, em nível de consagração afetiva dá-se a suprema unificação de toda a vida íntima. A adesão amorosa a Jesus Cristo envolve todos aqueles que Ele ama. Abraça todos os homens, mesmo aqueles que seríamos antes levados a rejeitar ou ignorar.

Se todo homem que crê em Jesus Cristo deve chegar a um amor universal, é só quando o amor a Jesus Cristo se torna prioritário que consegue reduzir à unidade a vida afetiva. Esta unidade está na linha do crescimento do amor imediato e total a Jesus que caracteriza o discípulo dos tempos de Cristo e o religioso de hoje.

É próprio do homem consagrado a Deus obter uma especial compreensão desta universalidade afetiva a que é chamado. Com efeito, a vocação religiosa, é um apelo totalmente **gratuito** e imerecido a uma comunhão afetiva com Deus. A experiência de que Deus me ama, faz-me penetrar na verdade de que Deus ama todos os homens.

O religioso, experimentando-se amado por Deus até a consagração afetiva, sente-se **pequeno e pobre** di-

ante da gratuidade do amor. E faz, então, uma descoberta preciosa, a da amabilidade radical de toda a pessoa humana. Se, sem nada merecer de minha parte, eu que não sou melhor do que ninguém, sou assim amado por Deus, é, então, verdade que Deus ama **todos** os homens. A experiência da suma gratuidade da vocação religiosa é que está na raiz da minha compreensão da universalidade do amor de Deus a todos os homens.

Nesta experiência está a fonte do **dom** gratuito aos outros, que é dos elementos constitutivos da vida religiosa. Sendo gratuitamente possuído por Deus, experimenta o religioso, de modo forte o amor desinteressado e primeiro de Deus — o ágape — e deixa-se transformar pelo amado, até imitar seu gesto em relação a todos os homens. Entra em comunhão com o Amado e doa-se, como Ele, aos pobres, aos desamparados, ao doente e ao aflito, na linha da alegria messiânica de que nos fala Jesus (Lc 14,14).

O amor universal até o dom de si torna-se possível exatamente porque o homem se experimenta possuído em seu íntimo por Deus. É levado a perder-se no serviço dos irmãos, porque se sente misteriosamente amado e possuído por Deus. É o amor de Deus que ao mesmo tempo o plenifica e o impulsiona a repetir alegremente o gesto de gratuidade.

No contexto da vida consagrada é ainda a experiência do amor gratuito de Deus que solidifica o vínculo da comunidade religiosa. A vida fraterna no seio da vida religiosa tem por fundamento a experiência comum de serem todos gratuitamente amados e chamados por Deus. Para além da carne e do sangue, da raça ou da classe, estabelece-se uma afinidade entre os que se experimentam imerecidamente escolhidos por Deus.

O amor prioritário a Jesus Cristo, em nível de consagração, confere, assim, ao religioso, não só a possibilidade de reduzir à unidade todo outro amor, mas abre o horizonte de sua doação para todos os homens, assumindo-os no que têm de mais íntimo, isto é, na verdade de que a todos Deus ama e a todos pode transformar e plenificar.

Na medida em que o homem consagrado a Deus, respondendo na fé ao amor gratuito de Deus, vai se realizando afetivamente, em todas as dimensões que descrevemos, torna-se para os homens seus irmãos, **sinal** da Bondade de Deus. O religioso realizado afetivamente como pessoa humana aparece como testemunha do excessivo amor de Deus aos homens. A tal ponto Deus ama o pobre e o desvalido, que sem nenhum merecimento de sua parte o plenifica para além de toda expectativa. Jesus Cristo nos deu sua própria vida e nola deu abundantemente (Jo 10,10).

CONCLUSÃO

Podemos assim concluir descrevendo a vida religiosa como uma experiência qualificada de comunhão com Deus e com os homens. Somos chamados, como os primeiros discípulos, a reviver ainda hoje a própria vida afetiva de Jesus Cristo, possuído pelo amor do Pai, no imediatismo de sua consagração filial e de sua dedicação a todos os homens.

Na raiz da vida religiosa está o ato de fé incondicional no amor de Deus que nos convida a revivermos o mistério da vida íntima de Jesus Cristo. A **fé em Jesus Cristo** que envolve toda a nossa existência oferece-nos a plenitude da vida afetiva humana. É a fé que integra o eu profundo, oferece um nível de comunhão amorosa para além da mediação do sinal corpóreo e na garantia da fidelidade do Amado. É ela que unifica e amplia nossa capacidade de amar em virtude do amor prioritário a Jesus Cristo.

Como em toda vida humana fica um risco, o de nos fecharmos ao amor. Fica também, uma esperança, a de nos deixarmos **totalmente** possuir por Deus, confiando a Ele a nossa realização afetiva como pessoa humana. Na medida em que isto se verificar e pudermos irradiar essa plenitude interior até o dom alegre aos irmãos, sobretudo aos mais deserdados, a vida religiosa surgirá no meio do povo de Deus, como **sinal** d e que Deus ama os homens, todos os homens, já que a nós, pobres e sem merecimento, comunica tão fortemente a experiência de **seu** amor.

Reunião dos Centros Europeus de Preparação para a América Latina

Nos dias 23 e 24 de outubro de 1971, reuniram-se em Roma, todos os responsáveis europeus pela preparação e seleção do pessoal apostólico para a América Latina, com Dom Eduardo Pirônio, Secretário do CELAM e com o Pe. Lúcio Gera, da Comissão Internacional Teológica e membro do grupo de reflexão teológico-pastoral do Conselho Episcopal Latino-Americano.

Eis os temas propostos e debatidos: **Primeiro:** Critérios básicos de seleção do pessoal que se envia à América Latina. **Segundo:** Contextura básica dos centros de preparação. Metas e finalidades dos cursos ministrados. Problemas da atualidade na área apostólica.

O encontro começou com a apresentação de um Informe e do Programa de cada Centro, feito pelo respectivo responsável. O Informe do IAPLA foi o seguinte:

Comecemos com uma breve síntese histórica de nosso Centro, onde se relevam três etapas distintas:

JESUS ORTUÑO
Centro Missionário
de Adaptação Pastoral

A. Recrutamento do pessoal. O desejo de criar na Igreja Espanhola uma mentalidade de ajuda à Igreja Latino-Americana através de um organismo nacional que estruture e canalize esta ajuda.

B. Transformação do Centro Missionário num Instituto de Pastoral Latino-Americano, com especialização, conforme as vocações e as necessidades pastorais.

C. Orientação do Centro numa linha de preparação e adaptação à Pastoral Latino-Americana.

A evolução foi se verificando à medida em que as necessidades o exigiam. Assim, numa primeira etapa, apenas se pensou em enviar o maior número possível de sacerdotes; reuni-los durante uma semana ou quinze dias; estabelecer a distribuição; comunicar às dioceses. Era tudo o que se fazia.

A história vivida nesta etapa e a informação recebida através dos próprios sacerdotes espanhóis que estavam na América, revelaram a necessidade de uma preparação prévia. Passamos então a outro extremo. As necessidades exigiam pessoal bem preparado, especialistas mesmo, para os postos chaves que deviam ser ocupados. Nasceu então a idéia de um Instituto Superior de Pastoral Latino-Americano.

Os problemas que apareceram nesta segunda etapa foram estudados e debatidos na V Sessão do COGECAL realizada em Roma de 18 a 21 de julho de 1969. Foi a partir desta reunião que nosso Centro se pautou por esta terceira linha, mais modesta e mais realista: preocupar-se com a seleção, preparação e adaptação para a pastoral latino-americana, planejando a estruturação não a partir da Espanha, mas da América, escutando nossos sacerdotes latino-americanos e dividindo a responsabilidade com o CELAM.

Aspectos fundamentais na adaptação

Primeiro. Adaptação de um pastor de pequeno grupo, de pequena população, para um pastor de grande grupo, de grande população, que ocupa áreas enormes que não podem se reduzir a uma só comunidade de base.

Segundo. Adaptação de um pastor para uma população de cultura e ambiente social idênticos ou parecidos com o seu, para um pastor de gente de cultura e hábitos sociais diferentes, com tudo que isto supõe de diversidade na concepção do mundo, da sociedade, do homem e de suas relações com Deus; com tudo que isto comporta na expressão religiosa e na vida moral, pessoal e social.

Terceiro. Adaptação de um pastor para um povo com um grau de desenvolvimento econômico e social determinado, para o pastor de um povo em desenvolvimento muito incipiente e

com necessidades e ambições numerosas, com problemas agudos, nos quais a Igreja também está empenhada.

Temas gerais

Adaptação psicológico-cultural do missionário. Leis da mudança e da evolução das culturas. Implicações que se supõem nas pessoas e nas tarefas. Maturidade, afetividade, vida cristã. As religiões não cristãs e o cristianismo. Teologia da missão. Teologia dos ministérios da Igreja. Teologia do Laicado na Igreja. O diaconado permanente na Igreja: estudo histórico-social. Situação atual da espiritualidade cristã. Igrejas e seitas protestantes. Teologia e pastoral de conjunto. Pastoral social. Pastoral Operária. A missão da Igreja na libertação do homem. Fé e secularização.

Suposta uma boa formação de tipo geral, faz falta, todavia, ainda, uma preparação específica que, seguindo a orientação da V Sessão do COGECAL, se basearia:

a) No ponto de partida da própria experiência pastoral e das motivações de sua presença pessoal no curso.

b) Na melhor aprendizagem da língua.

c) No conhecimento da geografia, da história, da cultura, da situação social e econômica, da problemática política e da religião do país.

d) No conhecimento das principais linhas pastorais do CELAM, do país e da diocese onde se exercerá o ministério.

Temas específicos

Introdução à cultura e à civilização do homem americano. As culturas primitivas americanas. Os choques de raça na conquista e na civilização. A escravatura. A língua do homem americano. A evolução do pensamento social e político do homem americano. A expressão religiosa do homem americano. A influência africana no comportamento do homem americano. O indígena no comportamento religioso do homem americano. Alguns traços fundamentais do caráter do homem americano. Sociologia da América.

Seminários. A cidade na América Latina. A Família na América Latina. Classes sociais na América Latina.

História da América. Antropologia e história americana. Dinâmica dos Concílios do México e do Peru. Atitude da Igreja perante a independência dos países latino-americanos. Evangelização e desenvolvimento. Reflexão teológica sobre o profetismo. A ação pastoral da Igreja Latino-americana depois de Medellin.

Na reunião de 17 a 19 de janeiro de 1970, em Lovaina, com os responsáveis pela formação na Itália, Bélgica e Espanha, para refletir sobre os problemas que apresenta a preparação dos candidatos à América Latina e que

nos foi confiada, ficou bem clara a semelhança profunda dos problemas que encontramos em nossos centros. Por isso, chegamos a um acordo a respeito dos seguintes pontos:

1.º — Intercâmbio regular de nossos programas e dos esquemas dos cursos.

2.º — Intercâmbio de professores europeus especializados em questões latino-americanas.

3.º — Reuniões regulares dos responsáveis pela formação para proceder a uma revisão crítica das atividades e elaborar conjuntamente projetos mais aperfeiçoados.

Também nos pusemos de acordo sobre a conveniência de se realizar as seguintes iniciativas, cuja oportunidade já fora sentida, de uma parte, pelos participantes da Reunião de Saint Benoit-sur-Loire e, de outra, pelos participantes da última reunião do COGECAL:

a) A designação, por parte do CELAM, de dois ou três professores de sua confiança, que reúnam realmente as qualidades necessárias, para colaborar, a partir do fim de 1971, nos cursos de preparação que se realizarão em Madri, Roma e Lovaima.

b) A designação, por parte do CELAM, de seis ou sete redatores que preparassem, cada um, um texto de umas dez laudas para, englobadas, formarem uma espécie de diretório ou manual básico para nossos três centros de preparação.

Os professores e redatores poderiam ser escolhidos entre os membros do secretariado do CELAM ou entre seus assessores. Estes professores ou outros escolhidos pelo CELAM poderiam igualmente participar na preparação do manual. Outros capítulos poderiam ser confiados a especialistas que se encontram na Europa.

Com estas sugestões queremos conseguir os objetivos seguintes:

Primeiro: Assegurar a colaboração do CELAM com vistas a uma maior integração de nosso pessoal na Pastoral Latino-americana.

Segundo: Associar o CELAM, num espírito de autêntica corresponsabilidade, na preparação e seleção do pessoal apostólico de nossos centros de preparação.

Os professores devem ser escolhidos possivelmente dentro dos seguintes critérios:

* Que tenham conhecimento direto da realidade latino-americana.

* Que já tenham trabalhado, por algum tempo, como missionários.

* Que tenham títulos acadêmicos e sejam verdadeiros especialistas nas suas matérias.

* Para os temas sobre os documentos de Medellin se prefira sempre o pessoal técnico de nosso secretariado.

* Para os temas sobre Pastoral Social e Operária, procurem-se os técnicos do Secretariado Justiça e Paz.

Depois deste Informe, foram votadas e aceitas as seguintes conclusões:

1.ª Unificação de nossos planos e programas, na medida do possível, pois também no Centro da Bélgica e da Itália, a maior parte destes planos e programas, é dedicada à aprendizagem do português e do espanhol.

2.ª Esta unificação de nossos programas será supervisionada pelo CELAM. O responsável será o Pe. José Marins, de nacionalidade brasileira, especialista em pastoral.

3.ª A partir deste ano de 1972, no curso de outubro e dezembro, colaborará nos cursos de preparação o CELAM através do pessoal de sua equipe de reflexão teológico-pastoral: Pe. Lúcio Gera, teólogo; Pe. Marins, pastoralista; Pe. Gregory, sociólogo.

Com esta colaboração, o problema do conhecimento da realidade da América Latina e a adaptação de nosso pessoal apostólico a esta mesma realidade obterá uma resposta perfeita.

Nesta mesma reunião se trataram também outros problemas de grande importância e comuns a nossos centros de preparação. Destacamos:

Primeiro. Diminuição do número de vocações para a América Latina, diminuição já notada desde fins de 1969, mas que se acentuou no correr de 1971.

A Bélgica conta atualmente com 34 alunos. Destes, 10 são sacerdotes diocesanos; 4 são da Bélgica e 6 da França. A Itália tem 94. Oito são sacerdotes diocesanos. Na Espanha temos 34 alunos: sacerdotes diocesanos, 8; espanhóis, 4; francês, 1; angolano, 1; irlandês, 1; suíço, 1.

Embora a atual crise pela qual está passando a Igreja explica e influencia, em parte, esta diminuição de vocações, todavia deve haver outros motivos, como são: falta de responsabilidade das dioceses que enviam, porque, quase sempre abandonam o sacerdote totalmente desde que manifesta a vontade de ser enviado; falta de acolhida por parte do bispo e da diocese que recebem; desencontro entre as linhas de pastoral que os sacerdotes europeus criam perante as necessidades que constatam e a estrutura diocesana que se revela insensível aos problemas mais urgentes de evangelização e transformação das pessoas.

Segundo. O retorno dos sacerdotes e sua incorporação na diocese de origem. Na Bélgica, tanto os sacerdotes como outro pessoal apostólico que volta às suas dioceses e a seu país são bem acolhidos e o tempo que serviram na América Latina é contado como um mérito em todos os níveis. Na Itália e na Espanha, há um grave problema e um grave inconveniente: o desamparo quase completo de sacerdotes e leigos que retornam da América Latina. É urgente, pois, que a começar do nosso Secretariado Geral, a criação de um departamento para coordenar com a diocese e a CECADE os modos de atender aos sacerdotes e leigos que retornam.

A PACIÊNCIA

CARACTERÍSTICA DO CRISTÃO

Liberdade! Eis a palavra mágica que fascina e sempre fascinou o ser humano.

Ser livre é a maior e mais profunda aspiração de todos nós.

E foi para nos tornar livres que Cristo veio ao mundo e assumiu a difícil tarefa de soltar as amarras e o cipoal que entulhavam os caminhos da libertação.

Mas o Filho de Deus, que é o maior respeitador da liberdade de cada um, deixou-nos justamente livres de seguir ou não as suas pegadas. Todavia provou que tudo quanto nos perturba e agita interiormente é anti-humano, anti-cristão e nos torna infelizes.

Quer dizer: o caminho por Ele indicado é, antes de mais nada, o da **liberdade interior**, ou seja, caminho da virtude que, partindo de dentro, vivifica todo o modo de ser do cristão, da mesma forma como a seiva dá à planta o viço verdejante, visível e encantador.

Sabemos que o vício amarra, ao passo que a virtude liberta. O alcoólatra, por exemplo, está sujeito à uma escravidão das mais terríveis.

O sóbrio, o que sabe e pode dizer "sim" ou "não" às suas inclinações, sente-se ágil e livre. Em suma, a verdadeira liberdade está na prática da virtude.

Mas, haverá prioridade entre as virtudes? Dever-se-á dar preferência a alguma dentre elas? Parece que em nossos dias a resposta deva ser afirmativa.

IR. AUGUSTA GHISLENI

Penso que tal primazia cabe exatamente à virtude da paciência, tão elevado é o número de situações em que nossos nervos são "provocados". Se não vejamos:

NO MUNDO ECLESIAL:

— **são as reformas precipitadas ou, pelo avesso, as reformas retardadas ou mesmo brecadas;**
— **as idéias confusas sobre religião que aparecem nos jornais, no rádio e na televisão;**
— **as atitudes contraditórias de pessoas mais "ligadas" à Igreja (leigos, religiosos e eclesiásticos);**
— **é a crise de obediência não menos que de autoridade etc.**

NO MUNDO FAMILIAR E SOCIAL

— **são os governos que não governam, indo da ditadura à anarquia ou vice-versa;**
— **é a prepotência do dinheiro que avança;**
— **são os meios de comunicação social que exaltam o vício e ridicularizam a virtude;**
— **é a escassez ou falta de moradia e de alimentação para as famílias;**
— **são os salários minguados;**
— **é a perplexidade dos pais e mestres quanto à educação de seus filhos ou alunos;**
— **são os jovens mais desnorteados ainda, pelo que ouvem de contrário ao 4.º mandamento, trazendo o falso rótulo de "libertação";**
— **é o engarrafamento das ruas;**
— **são as reuniões sem fim no campo profissional;**
— **é a hidra da propaganda comercial que tudo tenta devorar.**
A lista não tem fim.

Deveras, só os pacientes inabaláveis, os jós "atualizados" vencerão a ingente batalha.

Mas, afinal, o que é a paciência?

Para encaminhar a reflexão começarei dizendo o que a paciência "não é".

— Não é fraqueza de quem não sabe reagir;
— não é fatalismo de quem se entrega aos acontecimentos incondicionalmente;

— não é passivismo inconsciente nas adversidades;
— não é covardia diante da luta pelo bem;
— não é inércia e preguiça face às iniciativas;
— não é ausência de criatividade;
— não é lentidão e apatia nos projetos e realizações;
— não é desalento diante dos insucessos.

Não é a atitude dos fracos, dos "caniços agitados pelo vento" (Mt 11,7). Pelo contrário, é a virtude dos fortes e destemidos. Mais que isto, a paciência representa uma soma de virtudes cristãs, porquanto vem sempre entrelaçada com a fortaleza, a coragem, a intrepidez, a mansidão, a longanimidade, a responsabilidade, a perseverança no bem e a tolerância. A paciência se identifica, é quase sinônimo de cada uma das atitudes acima. Vale a pena deter-nos brevemente a considerá-las.

A **FORTALEZA:** é uma virtude que nos é infundida de modo especial no Sacramento da Crisma. Fica em potencial. É energia latente que todo cristão precisa exercitar nas pequeninas obrigações e contradições do dia-a-dia, para sentir-se robusto nas horas mais árduas.

Constitui talvez o aspecto passivo da paciência.

É a fortaleza que faz do cristão aquela "casa construída sobre a rocha", de que nos fala o Evangelho: "Caiu a chuva, vieram as tempestades, sopraram os ventos e deram sobre a casa, porém esta não desabou", Mt 7,2.

A **CORAGEM OU INTREPIDEZ** nos dá o lado ativo da virtude da paciência. É o entusiasmo pelo bem. É o brio de ser cristão e de pertencer a Cristo e sua Igreja. É a humilde e reconhecida alegria de ter recebido um apelo especial para o serviço mais chegado a Nosso Senhor na vida sacerdotal, religiosa ou leiga apostólica. É o elã pela construção do reino de Cristo não obstante tantos obstáculos.

É a atitude do bom Pastor que não fica à espera da ovelha extraviada, mas vai à sua procura onde quer que ela esteja.

A **MANSIDÃO** é a serenidade de ânimo. É a não-violência, a não-agressividade. É o auto-domínio, conseguido pela amizade com Deus e pelo próprio esforço. É o exercício da paz interior e o empenho para criar e manter a paz ao derredor.

"Aprendei de mim que sou manso e humilde de coração e achareis repouso para as vossas almas", Mt 11,29.

É a única maneira infalível de "conquistar" a "terra", de expandir a mensagem cristã.

"Bem-aventurados os mansos, porque êles possuirão a terra" disse Nosso Senhor, Mt 5,5.

A **LONGANIMIDADE** é a espera do tempo "marcado por Deus". A impaciência nos leva a desejar que o bem ou o suposto bem aconteça sempre aqui e agora. Mas Deus, que sabe quão importante é a "preparação psicológica" dos destinatários deste bem ou desta graça, espera e faz esperar. O povo diz que "quando Deus demora é porque está chegando". E é verdade.

A criança que recebe imediatamente tudo o que pede, torna-se infeliz, por não fazer a experiência da alegria encontrada na conquista do bem almejado. Saber esperar exige exercício de paciência em grau intenso, mas é altamente formativo para a nossa vida espiritual e mesmo social.

A **RESPONSABILIDADE** no cumprimento das próprias obrigações também faz parte da paciência. Quem não tem responsabilidade abusa do cargo, descuida os detalhes (sempre importantes no conjunto), enfada-se com a monotonia inevitável dos encargos, não mede as conseqüências dos deveres mal cumpridos em relação ao próximo.

Diante das próprias responsabilidades é que nos defrontamos mais agudamente com a nossa "própria pessoa", a "primeira" com quem precisamos ter paciência. Importa lembrar que só terá paciência com os demais quem a tiver consigo mesmo.

A **PERSEVERANÇA** ou persistência está na proporção direta com o grau de paciência. Só os que cultivam a constância chegam ao fim de um curso, do aprendizado de uma profissão e nela perseveram e se aperfeiçoam para o próprio bem e para o bem da humanidade.

E que dizer da paciência requerida, em certas circunstâncias, para ser fiel à palavra dada, a Deus e aos homens, em Deus, em relação a uma escolha vital: (casamento, sacerdócio, vida religiosa, celibato consagrado)?

Não foi em vão que Cristo disse: "Por vossa persistência salvareis vossas almas", Lc 21,19.

A **TOLERÂNCIA** é a capacidade de suportar os incômodos que outrem nos causa. Tarefa certamente difícil mas purificadora esta de amar o próximo, suportá-lo e compreendê-lo não obstante nos cause tanto enfado!

Inteligentemente porém devemos pensar que nós ("eu", dirá cada um) podemos ser para os outros o que eles são para nós: difíceis de tolerar. Sem dúvida, uma advertência de Nosso Senhor, pode nos valer: "Quem de vós estiver sem pecado atire a primeira pedra", Jo 8,7.

Haveria ainda a considerar, além da caridade que une inseparavelmente todas as virtudes morais, a prática da humildade, imprescindível no exercício de qualquer virtude cristã.

E mais: "os tempos fortes" a exigirem o clímax da paciência; as enfermidades que nos atingem ou afetam pessoas queridas; a morte de familiares e amigos; as guerras e outras muitas agonias ocasionadas pela perversidade humana.

Estas coisas e muitas outras haveria a considerar mas as ponderações parecem suficientes para mostrar a necessidade da paciência para o cristão e para o religioso, por sua opção específica de viver publicamente os conselhos evangélicos. A paciência é testemunho de fortaleza, fruto de confiança em Deus e da humilde convicção de que ele quer seus colaboradores intrépidos e destemidos.

Ou então, as contrariedades e perseguições, provenientes de pessoas de mau caráter e até de gente boa, porém mal informada a nosso respeito, perseguições tanto mais penosas quanto mais alvejam não propriamente a nós e sim nossas iniciativas, empreendidas com retidão e zelo.

É verdade: "As contradições não impedem nem prejudicam as obras de Deus. Pelo contrário, ajudam-nas e lhes dão maior ênfase.

Acaso Nosso Senhor pode ser suplantado pelos homens? Jamais! Como permitirá Ele que a maldade das criaturas possa destruir seu plano de amor?

O homem, quer queira, quer não, justamente com sua má fé, concorre para conduzir o bom termo o que está previsto pela sabedoria de Deus."

As reflexões são da B. Teresa Verzeri em sua obra "Livro dos Deveres" dedicada às religiosas da Congregação "Filhas do S. C. de Jesus" de que é fundadora. E prossegue:

" Embora sejam as contradições sempre úteis e preciosas não devem ser todas suportadas em silêncio nem enfrentadas de modo igual.

Algumas precisam ser sepultadas no coração; outras, justificadas pela verdade; outras ainda repelidas com firmeza . . . todavia sempre com suavidade e serenidade".

Mas, a que preço!

Com que elevado capital de paciência!

Todas estas coisas e muitas outras haveria a considerar, mas as ponderações acima parecem suficientes para mostrar a necessidade da paciência para o cristão de hoje e mais ainda para o religioso, por sua opção específica de viver publicamente os conselhos evangélicos.

Tais reflexões provam também que a paciência, longe de ser sinal de fraqueza, é, pelo contrário, testemunho de fortaleza, fruto da confiança em

Deus e da humilde convicção de que Ele nos quer colaboradores seus, intrépidos e destemidos.

Não é fácil. Mas aí é que está o paradoxo salvífico do Evangelho. "Quem perde a própria vida salva-la-á", avisa Nosso Senhor, (Mt 10,39).

— Porventura não há uma relação misteriosa entre renúncia e alegria, sacrifício e expansão do coração, disciplina e liberdade? (**Evangélica Testificatio N.º 29**).

Se a paciência é tão necessária e, por outro lado, tão esquecida ou mal interpretada, urge que nós adultos nos re-eduquemos nesta excelsa virtude e que as crianças e jovens aprendam a exercitá-la desde pequenos.

Para isso, importa recolocar a cruz em seu devido lugar: na família, na escola, nos grupos sociais.

É freqüente esquecermo-nos de que Cristo, antes de ressuscitar, percorreu os caminhos do Getsêmani, do Calvário e do Horto. Urge voltar à prática das pequenas mortificações. Feitas por amor a Deus, em homenagem à Virgem e aos amigos de Deus, os santos, têm poder pedagógico também em nossos dias. Afinal, a vida é feita de coisas mínimas que aconteceram ou que fazemos acontecer de momento a momento. É um método simples, mas eficiente e capaz de forjar em nossos educandos um caráter forte, adestrado no auto-domínio, e uma consciência despertada de que Deus é uma presença amiga em toda parte.

Se chegarem a isto, estarão salvos da avalanche de perigos que os ameaçam, perigos dos quais o maior seria a falta de convicção de quanto pode a pessoa humana apoiada na graça de Deus.

"Tudo posso naquele que me conforta" diz de si mesmo o invencível Apóstolo das gentes.

Quanto a nós adultos, seria ilusão crer que já não necessitamos de exercícios "metódicos" de paciência. Mesmo porque, nossos educandos (filhos, alunos, paroquianos . . .) não nos dariam crédito, se não nos vissem praticar o que lhes recomendamos. Hoje, mais que nunca, as pessoas querem "ver para crer".

Com referência ao exercício, será demais lembrar que o atleta perde a forma e a agilidade se não pratica seu esporte? Tal verdade aplica-se não apenas ao corpo, como também, e com muito mais razão, à vida espiritual.

Não foi ainda inventada (e nunca o será) a pílula da paciência. Deus não é paternalista, mas exímio educador. Quer que seus filhos provem a alegria e a felicidade de "crescer" através do próprio esforço, naturalmente nutrido pela graça divina.

Assim "tomada" em doses homeopáticas, a toda hora e em todas as situações, a paciência se plastifica, se incorpora a nós. Evidentemente, estamos todos dispensados de "procurar" as ocasiões de exercer a paciência, pois deparamos de contínuo com verdadeira inflação de oportunidades "espontâneas".

Importa saber "canalizá-las" em nosso currículo de vida espiritual, currículo "flexível" de pessoa para pessoa, mas que não dispensará nunca os recursos espirituais, ou o abastecimento imprescindível para o carro poder andar. Entre outros:

— a oração mental e vocal
— a revisão de vida
— a freqüência aos sacramentos
— a prática de ações e gestos em favor do próximo.

Nem serão desprezados os meios naturais tais como: horas suficientes de sono; lazer, exercício físico; "contato" com a natureza e com a arte. Simples meios "naturais" mas que a pessoa de "vida interior" sabe dar-lhes aquela dimensão de que fala São Paulo:

— Quer comais, quer bebais, quer façais qualquer outra coisa, fazei tudo para a glória de Deus, 1 Cor 10,31.

As pessoas de qualquer idade e dos mais diversos "quadros de vida", podem encontrar um forte apoio para exercício da paciência na conhecida oração de S. Francisco de Assis:

"Senhor, fazei-me instrumento de vossa paz..."

Esta síntese bem combinada de "teologia e psicologia" lida, relida, meditada ou até cantada com freqüência, penetrará aos poucos em nosso íntimo e desabrochará em prontidão e facilidade na vivência das virtudes "lideradas" pela paciência.

No mais irmãos "sede alegres na esperança, pacientes na tribulação e perseverantes na oração, para que, cumprindo a vontade de Deus, alcanceis a promessa", (Rom 12,12 e Heb 10,36).

O Significado e a Função da Vida Salesiana na Igreja

O significado e a função da grande Família Salesiana dentro da Igreja foram recordados, pelo Papa Paulo VI, no dia 20 de dezembro de 1971, durante uma audiência aos membros do Capítulo Geral Especial reunidos em Roma para rever as próprias Constituições.

O Papa começou por sublinhar o grande florescimento de obras e atividades, devidas ao zelo e aos sacrifícios, por vezes heróicos, dos filhos de Dom Bosco, salientando, particularmente, a importância da ação educativa e a obra missionária dos salesianos.

Manifestando depois alguns pensamentos sugeridos pela visita dos representantes de 75 Inspetorias da Congregação, espalhadas por todo o mundo, Paulo VI afirmou que a primeira renovação consiste "numa exigência mais sentida de viver autenticamente a própria vocação religiosa em conformidade com o espírito primitivo."

— Toda a adaptação que fôr oportuna nunca deverá esquecer, ou, o que é pior, alterar a fisionomia característica que o vosso Fundador quis imprimir desde o princípio ao vosso Instituto. E, por isso, a educação da juventude, a evangelização dos infiéis, o apostolado catequético, o amor ao Papa e a devoção à Santíssima Virgem continuam a ser as notas características da vossa Congregação. Tende grande estima por elas, uma estima tão grande ao ponto de as considerardes uma preciosa herança de que deveis legitimamente orgulhar-vos e conservar intata, especialmente hoje, quando a mentalidade destrutiva procura submeter a uma crítica corrosiva e a uma revisão total e impiedosa todas as instituições, até a mais sagrada.

Ao manifestar, em seguida, o seu contentamento, por ter sido reafirmada a solicitude pelos jovens, especialmente pelos mais pobres e necessitados, o Papa salientou a atualidade da tradição educativa de Dom Bosco, incomparável exemplo de humanismo pedagógico cristão que se radica no evangelho.

Paulo VI recomendou, por fim, que, perante os riscos de um ativismo excessivo e o influxo da secularização, seja dado sempre o primeiro lugar, na espiritualidade salesiana, à vida interior, à oração, ao espírito de pobreza e ao amor do sacrifício e da cruz.

— Se a desejada atualização não reconduzisse o dinamismo apostólico a um contato mais íntimo com Deus, mas levasse à mentalidade secularista, a modas e atitudes efêmeras e mutáveis, à identificação inconsiderável com o mundo, então seria necessário refletir seriamente nas severas palavras do evangelho: "Se o sal se tornar insosso, não servirá para nada. Apenas para ser deitado fora e pisado pelas pessoas."

O LUGAR QUE A MULHER MERECE

— É preciso, com coragem, indagar, se hoje, no seio da Igreja, não há comportamentos injustos com relação à mulher.

A dúvida, com ressaibos de afirmação, é de Máximo V Hakim, patriarca católico melquita de Antioquia, em sua intervenção, quando se debatia no Sínodo dos Bispos o tema Justiça no Mundo.

O problema da mulher na Igreja, levantado por numerosos bispos durante o longo debate sobre o sacerdócio ministerial, voltou à tona novamente na discussão do segundo tema.

Como todos se recordam, foram, especialmente, os bispos canadenses que relevaram o assunto. Depois de exortarem para "a previsão de novos ministérios adaptados às capacidades da mulher e aos seus deveres na Igreja e na sociedade", eles declararam:

— Os bispos canadenses consultaram longamente as representantes das Senhoras Católicas de seu país, recolhendo as aspirações e os desejos expressos de maneira construtiva e positiva. Gostariam que o Santo Padre constituísse uma comissão mista — bispos, leigos de ambos os sexos, religiosos e religiosas — para estudar a questão à luz dos sinais dos tempos e das experiências positivas já realizadas, onde as mulheres já se inseriram como auxiliares no trabalho pastoral.

Não se pode continuar a ignorá-las

Prossegue Máximo V Hakim:

— Na Igreja, a direção e a administração continuaram a ser confia-

A. Dall''Osto

Não se trata de fazer a mulher concorrer com o homem; nem de suscitar em seu ânimo reivindicações descabidas, hoje tão em moda.
Mas trata-se de procurar uma equilibrada complementariedade de tarefas e de missões.

das apenas aos homens. Quando as mesmas legislações civis começam a rever estas posições, a Igreja, como se verifica com freqüência, não deve deixar de anteceder.

— A metade dos fiéis é constituída por mulheres. As religiosas são mais numerosas do que os padres. E no entanto, dedicamos metade do Sínodo a estes. Pelo simples fato de criarem menos problemas, não se pode continuar a ignorar as mulheres.

— O próximo Sínodo não poderia se ocupar do lugar da mulher na Igreja e do dever das religiosas na administração diocesana, na cúria romana, nas reuniões sinodais, em outras obras eclesiásticas? Se as mulheres forem ouvidas, não terão elas ainda hoje, alguma coisa a comunicar da parte do Senhor?

Relativamente a este tema, outros padres sinodais falaram também. Dom Valfredo Tepe, por exemplo, afirmou:

— É preciso equiparar a mulher, sem injustas discriminações. Faço minhas as idéias expostas pelo episcopado canadense.

O padre Van Asten, em nome dos Superiores Gerais:

— A condição de inferioridade, tradicionalmente impingida à mulher nas deliberações e decisões, não pode mais ser aceita no mundo de hoje.

Dom Arinze, da Nigéria:

— Os cristãos devem inspirar e sustentar as associações que reivindicam o reconhecimento dos direitos da mulher, ressalvando sempre sua vocação de mulher e de mãe.

Eliminar os "preconceitos masculinos"

Mais incisivo ainda, Dom Byrne, Presidente do novo Comitê da Conferência dos Bispos Norte-Americanos, instituído para tratar dos direitos da mulher na sociedade e especialmente na Igreja:

"Na sociedade civil, a mulher vai assumindo um papel cada vez mais importante, embora se reconheça que, infelizmente, em movimento muito lento mesmo nas sociedades mais desenvolvidas.

As Conferências Episcopais deveriam estudar seriamente as próprias culturas nacionais, as leis e os costumes da Igreja para eliminar toda discriminação em prejuízo da mulher na vida civil e eclesiástica, em toda a sua extensão. Como complemento

de tais estudos e pesquisas, deveria agir uma comissão internacional de estudos, instituída pelo Papa, como sugeriu o Cardeal Flahiff, em nome do episcopado canadense. O resultado de tais estudos poderia ser a descoberta da possibilidade da promoção de algumas mulheres qualificadas para o serviço da Igreja.

Nenhum argumento se pode aduzir para excluir esta ou aquela forma de exercícios, exceto se nos submetemos aos preconceitos masculinos, a uma cega adesão a tradições humanas, fundamentada numa posição particular da mulher em determinada cultura de outros tempos ou, pior ainda, numa discutível interpretação das Escrituras.

A Igreja deveria ter o cuidado de sempre, no modo de se exprimir a respeito do sexo, do matrimônio, da família etc. sempre reconhecer a dignidade da mulher, em qualquer nível. Deveria ainda estudar as modalidades de poder dar à mulher maior representatividade e uma mais significativa participação na liturgia, nas atividades e nas organizações."

Igualdade
na complementariedade

Esta insistência dos bispos para uma maior valorização da mulher na Igreja nada mais é do que um eco universalmente sentido e manifestado. É inútil querer negar: na Igreja, até hoje, dominou, com exclusividade, o elemento masculino. Excetuando o problema do sacerdócio, com suas numerosas dificuldades ainda não convenientemente esclarecidas pelos teólogos, em todos os demais setores da vida eclesiástica é urgente que se estabeleça uma posição adequadamente digna, reconhecida e valorizada da mulher.

Não se trata de fazê-la concorrer com o homem ou de suscitar em seu ânimo reivindicações descabidas, como acontece com certos movimentos feministas, hoje tão em moda. A solução verdadeira deve ser procurada numa equilibrada complementariedade de tarefas e de missões. Há tarefas para as quais a mulher sente-se mais inclinada e mais capaz do que o homem e vice-versa. São tarefas nas quais se exige uma aragem de humanidade e de delicadeza nem sempre ao alcance do homem. Pensemos, por exemplo, em certos serviços diaconais ou em certos pastorais, ou certos campos pastorais, como a catequese, a assistência aos doentes etc. A mulher desenvolve estas tarefas com eficiência e exatidão iguais às do homem ou maiores.

O tímido comparecimento de alguma mulher mais preparada no Concílio e no Sínodo ou a sua delimitada presença nos dicastérios da cúria romana e nos novos organismos pós-conciliares são insuficientes para demonstrar que o plurisecular comportamento da Igreja a seu respeito tenha mudado.

Educar para a maturidade

O assunto torna-se muito mais empenhativo quando se pensa na vida religiosa feminina. Se a mulher que vive no mundo deve ser mais valorizada pela Igreja, isto vale muito mais para a vida religiosa. Esta afirmação comporta uma dupla série de considerações.

Em primeiro lugar, considerem-se as atividades e as obras que normalmente as religiosas desenvolvem. Já dissemos que os Institutos religiosos femininos hoje são convidados a questionar certas atividades tradicionais, em vista a assumir novos papéis e novas tarefas que interessam mais diretamente à pastoral. A clássica figura da irmã cozinheira, roupeira etc. talvez esteja destinada a desaparecer, como provavelmente desaparecerão — embora não seja de hoje para amanhã — certas obras supletivas, próprias do Estado, que hoje estão perdendo sua utilidade ou sua finalidade.

Em segundo lugar, o problema coloca em questão todo o sistema educativo e o mesmo modo de viver e interpretar a vida religiosa. Se a sociedade civil proclama, alto e bom som, a paridade de direitos do homem e da mulher, e convoca a mulher para tarefas que exigem maturidade e senso de responsabilidade, seria inconcebível que a vida religiosa continuasse, como infelizmente acontece em não poucos casos, a apoiar uma educação e a promover um estilo de vida que favorece o infantilismo e torna as pessoas incapazes de assumir responsabilidade.

A vida religiosa deve ser essencialmente uma vocação de pessoas adultas e maduras. Sem esta condição não seria válida nem mesmo a própria profissão. Conseqüentemente, todo o modo de vivê-la deve ser baseado neste pressuposto que tem suas componentes essenciais na confiança recíproca, no respeito, na corresponsabilidade em todos os níveis, no diálogo fraterno, no trabalho conjunto, na coragem e na espontaneidade.

Tudo isto supõe a mudança de mentalidade e também de instituições tão calorosamente propugnada pelo Concílio e vigorosamente reafirmada nos documentos subseqüentes e na teologia contemporânea da vida religiosa.

Honestamente é preciso reconhecer que alguma coisa já se fêz e se está fazendo. O Sínodo foi um novo estímulo e um incentivo a mais para progredir neste caminho. É preciso, porém, sempre docilidade e disponibilidade à voz do Espírito e espaço para a criatividade.

COMO NASCEU ESTE ESTUDO

Em setembro de 1967, na sede da Pro Mundi Vita, *Bruxelas, se estudou e se concluiu o primeiro projeto de estudos sôbre a situação dos Religiosos na América Latina e sua atitude perante as mudanças sociais. O projeto sugeria várias alternativas, todas superadas, afinal, por este problema mais amplo: um* estudo sociográfico dos Religiosos e das Religiosas na América Latina.

Os representantes da CLAR, Pe. Manuel Edwards, seu Presidente; da Pro Mundi Vita, Pe. J. Kerkhofs, seu Diretor e da FERES concluíram ainda da possibilidade de incluir o SIDEAT no projeto e até responsabilizá-lo pelo mesmo. O projeto foi minutado em suas partes e detalhado em seus pormenores. A CLAR se responsabilizou pela busca de financiamento, seja junto a Adveniat, seja junto a LAB. FERES se retirou definitavamente do projeto.

O estudo inclui duas partes distintas e importantes: Primeira: *Sociográfica. A descrição da situação dos religiosos na América Latina, focando especialmente dados estatísticos.* Segunda: *Sociológica. Análise em profundidade das estruturas e dos valores que configuram atualmente a vida religiosa na América Latina.*

Em outubro de 1968, a equipe do SIDEAT elaborou um questionário que, testado na Colômbia, não foi aprovado. Em abril de 1969, as Federações Nacionais de Religiosos receberam novo questionário, enviado pela CLAR. Cada país recebeu 3.253 e que foram distribuídos pelas Cúrias Provinciais, Masculinas e Femininas. Durante a IV Assembléia Geral em Santiago do Chile, de 8 a 13 de dezembro de 1969, se distribuiu um informe com os primeiros dados.

Nos primeiros meses de 1970 todos os países já haviam preenchido os questionários e devolvido à CLAR. A Nicarágua não tomou conhecimento da pesquisa. Em março de 1970, haviam sido contabilizadas 507 respostas de religiosos, cerca de 87,53% e 952 de religiosas, 70,04%. Em outubro de 1970 todo o trabalho estava encerrado. Foi editado em 1971, pela CLAR, na coleção PERSPECTIVAS, com o volume nº 2. Transcrevemos o capítulo II deste volume.

O REDATOR

Estudo Sociográfico dos Religiosos e Religiosas na América Latina

CAPÍTULO I

VISÃO PANORÂMICA

Este capítulo apresenta, de forma global, os dados recolhidos no inquérito. Eles dão uma idéia do total de Ordens e Congregações Religiosas, assim como dos Institutos Seculares, que trabalham na América Latina. Há uma referência às respectivas datas de fundação e de instalação na América Latina, o que permite numa perspectiva histórica, uma visão mais adequada, sociologicamente falando, de seu enquadramento histórico.

2.1. INSTITUIÇÕES RELIGIOSAS QUE TRABALHAM NA AMÉRICA LATINA

Os anexos 2 e 3 identificam as Instituições Religiosas que trabalham na América Latina. É claro: só figuram aquelas que responderam aos questionários enviados.

Com este número iniciamos a publicação de uma pesquisa realizada pela CLAR, sobre a situação dos religiosos e das religiosas na América Latina. Julgamos que o estudo se reveste de grande interesse para todas as famílias religiosas. Número por número de Convergência trará um capítulo da pesquisa. Procuramos ser literalmente fiéis na tradução do espanhol. Deixamos apenas de reproduzir os mapas ilustrativos.

Com respeito aos religiosos, a classificação foi relativamente fácil, seguindo as mesmas indicações do Anuário Pontifício. Aparecem também as Instituições de caráter diocesano, que não figuram, como se sabe, no Anuário. A maioria destas Instituições diocesanas são de origem latino-americana.

Com relação às religiosas, o problema foi muito mais complexo, dada a grande variedade que existe e a carência de elementos de referência para se poder classificar adequadamente. Utilizamos também aqui as indicações do Anuário Pontifício em sua edição de 1970.

Posteriormente se voltará a estes anexos, n.º 2 e n.º 3, para assinalar com maior exatidão, a dependência de centros de decisão das diversas Instituições, quase todos localizados fora a América Latina. Também se voltará ao item corresponente aos Superiores Gerais atuais.

2.2. CATEGORIA CANÔNICA

Das 122 Instituições Religiosas Masculinas existentes na América Latina, 108 são aprovadas pela Santa Sé. Nove têm aprovação diocesana e cinco se classificam como Institutos Seculares.

Das 503 Instituições Religiosas Femininas, 371 são aprovadas pela Santa Sé; 109 tem aprovação diocesana; 14 são classificadas como Institutos Religiosos de Casas Autônomas (Federadas ou não) e 9 são Institutos Seculares.

2.3. DATAS DE FUNDAÇÃO

O Quadro n.º 1 apresenta graficamente a distribuição de datas de fundação das Instituições Religiosas que se encontram na América Latina.

QUADRO N.º 1

DATAS DA FUNDAÇÃO	Religiosos		Religiosas	
	Cifras Abs.	%	Cifras Abs.	%
Antes do séc. XV ...	20	16,39	10	1,99
Do séc. XV ao XVI .	10	8,20	10	1,99
Do séc. XVII a XVIII	15	12,30	46	9,15
No séc. XIX	48	39,34	261	51,89
De 1900 a 1920	10	8,20	53	10,54
De 1921 a 1945	11	9,02	65	12,92
De 1946 a 1955	3	2,46	30	5,96
De 1956 a 1965	2	1,64	18	3,58
De 1966 a 1970	1	0,82	3	0,60
Sem resposta	2	1,64	7	1,39
	N 122	100,00	N 503	100,00

São vinte Ordens masculinas, monásticas e mendicantes, principalmente anteriores ao século XV. As diversas Congregações beneditinas confederadas, presentes na América Latina, foram previamente identificadas de forma distinta, mas no momento são todas computadas como uma só Instituição Religiosa, neste quadro n.º 1, a que nos referimos.

A seguir, nos séculos XVI e XVII, floresce fundamentalmente o estilo de vida religiosa, chamada Clérigos Regulares. Mas a floração de fundações religiosas se manifesta abundantemente extraordinária durante o século XIX, diminuindo depois notavelmente no curso do século XX, quando começam a aparecer, nas últimas décadas, os Institutos Seculares.

O ritmo das fundações religiosas femininas é paralelo, porém, com uma diferença marcada: antes do século XVIII, e sobretudo durante a Idade Média e começo da Idade Moderna, é muito mais lento, se comparado ao ritmo das fundações religiosas masculinas. A partir desta data, as fundações femininas superam as masculinas, embora com uma tendência paralela até o momento presente.

É interessante assinalar esta agrupação de fundações no transcurso do século XIX e, muito particularmente, nos países europeus. Há uma série de condicionamentos históricos — a Revolução Francesa, uma tendência

pietista bem marcada etc. — que geraram este fenômeno. Isto influenciará, como se pode constatar pelo anexo n.º 4, na afluência de Congregações Religiosas que vieram se estabelecer na América Latina, nos fins do século XIX e começo do século XX.

Há ainda uma outra nota digna de atenção. Nos primeiros tempos da vida religiosa esta é assinalada por uma forma de **ser** testemunho de um estilo de vida em comunidade. A finalidade pragmática destas Instituições Religiosas primitivas, não está marcada com exclusivismo. Nas modernas Instituições, a partir do século XIX, o que parece determiná-las fundamentalmente é um **fazer.** Conjugam-se então os fins objetivos com as características da espiritualidade. Alternam-se e se repetem em muitas circunstâncias. No momento atual, marcado pela CLAR e pelo documento sobre a Vida Religiosa, fruto da Segunda Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano, volta-se à idéia da Instituição Religiosa determinada fundamentalmente pela razão do testemunho.

2.4. INSTALAÇÃO DAS INSTITUIÇÕES RELIGIOSAS NA AMÉRICA LATINA

No quadro n.º 2 e no anexo n.º 4 faz-se referência às datas de inslação das Instituições Religiosas na América Latina. Por instalação entendemos tanto a data de chegada, se a Congregação nasceu fora da América Latina, como a data de fundação, no caso de ser uma instituição latino-americana.

QUADRO N.º 2

DATAS	INSTITUIÇÕES MASCULINAS %	INSTITUIÇÕES FEMININAS %
Séculos XV e XVI	6,51	1,34
Séculos XVII e XVIII .	3,35	4,24
Século XIX	19,01	16,50
1900 — 1920	13,56	13,71
1921 — 1945	20,07	20,74
1946 — 1955	18,31	17,28
1956 — 1965	13,91	22,05
1966 — 1970	5,28	3,34
	100,00	100,00

O quadro mostra bem claro o afluxo que se verificou a partir do século XIX quanto à instalação. No começo (século XV e XVI) os religiosos avançaram mais que as religiosas, diminuindo logo em seguida a afluência à América Latina. No século XIX, dado o florescimento das Congregações Religiosas, torna-se compreensível o aumento quanto à vinda, tanto por parte dos religiosos quanto das religiosas. Os dados são muito aproximados e parecidos.

Até o começo do século XX continua o afluxo. Acentua-se mesmo a partir da metade do século, graças ao clamor extraordinário que se levantou na Igreja em favor da América Latina. Parece também que influiu a Segunda Guerra Mundial. Uma análise sociológica em profundidade permitiria detectar outras razões que condicionaram esta corrente.

2.5. TOTAL DE RELIGIOSOS E RELIGIOSAS NA AMÉRICA LATINA

Segundo o levantamento realizado pela CLAR em dezembro de 1970 e janeiro de 1971, os resultados são os seguintes:

PAÍSES	RELIGIOSOS	RELIGIOSAS
Argentina	4.510	14.076
Bolívia	835	1.800
Brasil	11.524	41.998
Colômbia	4.412	20.780
Costa Rica	220	968
Cuba	—	—
Chile	2.343	4.924
Equador	1.564	4.145
El Salvador	369	818
Guatemala	650	850
Haiti	420	1.000
Honduras	116	282
México	1.909	23.630
Nicarágua	265	687
Panamá	249	410
Paraguai	429	751
Porto Rico	599	1.500
Peru	2.514	4.581
República Dominicana ..	486	1.285
Uruguai	693	1.592
Venezuela	1.706	4.100
TOTAL	39.813	130.187

2.6. O ÚLTIMO CAPÍTULO CELEBRADO

A pesquisa pedia dados e a data do último capítulo celebrado. É muito significativo que a maioria das Instituições Religiosas Masculinas, numa proporção de 70%, tenha celebrado seu último capítulo nestes últimos anos. Este fato mostra o afã de renovação e de atualização conforme as orientações conciliares.

Para as Instituições Femininas, os dados com relação aò mesmo período, arrolam percentagens inferiores. São porém superiores os dados correspondentes ao período de 1961 a 1966. Poder-se-ia interpretar como uma mais pronta resposta e adesão das religiosas às exigências do Concílio?

QUADRO N.º 3

INSTITUTOS	MASCULINOS		FEMININOS	
D A T A S	Cfrs. Abs.	%	Cfrs. Abs.	%
Antes de 1960	3	2,46	3	0,60
1961 a 1965	16	13,11	141	28,03
1966	10	8,20	56	11,13
1967	17	13,93	50	9,94
1968	34	27,87	120	23,86
1969	40	32,79	97	19,28
Sem resposta	2	1,64	36	7,16
	122	100,00	503	100,00

2.7. SEDE DAS CÚRIAS GENERALÍCIAS

Com relação à sede das Cúrias Generalícias das Congregações Masculinas, é interessante notar que de 122 respostas recebidas das Instituições presentes na América Latina, 111 têm seu centro supremo de decisão fora deste Continente.

QUADRO N.º 4

Sede das Cúrias Generalícias das Instituições Religiosas presentes na América Latina.

PAÍSES	RELIGIOSOS		RELIGIOSAS	
	Cfrs. Abs.	%	Cfrs. Abs.	%
Espanha	5	4,10	71	14,12
França	8	6,56	43	8,55
Itália	80	65,57	148	29,42
Resto da Europa	10	8,20	26	5,17
Canadá	3	2,46	28	5,57
Estados Unidos	5	4,10	42	8,35
Países Latino-Americanos	9	7,38	139	27,63
Não especificados	2	1,64	6	1,19
	N 122	100,00	N 503	100,00

As sedes das 503 Instituições Religiosas Femininas se distribuem assim: fora da América Latina, 358; dentro da área latino-americana: 139.

Noventa e um por cento dos centros supremos de decisão para os religiosos e 71% para as religiosas estão localizados fora da América Latina. Esta diferença fica creditada ao fato de que há maior número de Instituições Religiosas Femininas de origem latino-americana.

2.8. Desta forma se tem uma visão global do número de religiosos na América Latina, tendo-se sempre em vista a insuficiência dos dados obtidos. Refletem todavia de maneira muito clara e significativa, tendências bem manifestas.

(Continua no próximo número)

BETÂNIA

PEQUENA EXPERIÊNCIA DE CASA DE ORAÇÃO

Passando pelo Brasil em 1967, o P. Bernhard Häring fêz uma série de conferências aos Superiores religiosos em Curitiba e Belo Horizonte. Tivemos ocasião de escutá-lo e apreciar sua doutrina sólida e renovada que, depois, foi compendiada em um livro. (**Dinâmica da Renovação**). Quando o P. Häring tratou de oração, preocupado com a fuga da oração de tantos religiosos que tinham se deixado levar pelo ativismo, preocupado com tantos outros que diziam orações mas não faziam oração e, com outros ainda, que, fazendo oração, foram vítimas do intelectualismo e do voluntarismo, do jurisdicismo e do perfeccionismo, o P. Häring, certamente movido pelo Espírito Santo, falou sobre Casas de Oração que seriam "casas contemplativas no meio de Congregações ativas", oásis de paz e de silêncio, mantidos por uma pequena equipe permanente onde as outras religiosas, da mesma Congregação, ou de outras, viriam renovar sua vida de oração em fraternidade. Soubemos, depois, que P. Häring, já tinha feito a mesma cruzada nos Estados Unidos (e lá já existem atualmente 200 Casas de Oração.

As Casas de Oração não são casas de retiro (embora nelas se possa fazer retiro). Têm uma concepção totalmente nova. São realmente casas contemplativas que visam renovar a oração e a vida fraterna no mundo.

ARACY CARDOSO, *da Sociedade das Filhas do Coração de Maria, Província do Brasil. Rua Humaitá, 172 (ZC-02) — 20.000 — Rio de Janeiro — GB*

EXPERIÊNCIA

As Casas de Oração podem ser "temporárias" (quando um grupo se reúne para viver mais intensamente a oração e a vida fraterna por umas 4 a 8 semanas) ou "permanentes" (quando há uma pequena comunidade mais estável na casa). Podem ser também, como Betânia e outras, "permanentes" para a pequena comunidade que mantém a casa e "temporárias" para aqueles que vêm partilhar por algum tempo a vida de oração em fraternidade.

A idéia do P. Häring ficou em nosso coração "como o murmúrio de uma brisa ligeira" ou doce melodia que não cessava de tocar. Impressionou-nos também muito o Prefácio da Consagração de uma Igreja que define a Casa de Oração. Queríamos viver o que a Igreja colocara naquele Prefácio.

Até que um dia, tornou-se realidade a Casa Provincial do Brasil. Por que não destinar à Casa de Oração um dos andares?

Sob a presidência da Provincial reuniu-se uma pequena equipe entusiasmada pela idéia. Tivemos a assessoria de um sacerdote jesuíta que foi um verdadeiro irmão tendo se reunido conosco, quase semanalmente, durante um ano e meio mais ou menos. Vimos juntos, desde a possibilidade de vida conemplativa em nossa Sociedade (pesquisa nas fontes), como seria a "nossa" Casa de Oração que deveria atender ao Carisma próprio da Sociedade e, até, os pequenos detalhes de arrumação do andar destinado à Casa.

Consultamos todos quantos poderiam ajudar, quer no Brasil, quer nos Estados Unidos e na Europa (ouvimos, pessoalmente, o P. Häring).

BETÂNIA é hoje uma realidade. Como seu nome lembra, é um pequeno oásis de paz e de silêncio num edifício cheio de vida. Funciona nele um Pensionato Feminino com 62 jovens, a Província e sua Comunidade e o Noviciado Provincial. Está construído na esquina de uma grande artéria movimentadíssima.

1. NOSSO PROGRAMA

Desde logo vimos que, pela sua própria natureza, uma Casa de Oração da Sociedade não poderia ser só para as nossas Irmãs e, assim, ficou estabelecido o programa abaixo.

B E T Â N I A

PARA QUE

— Prestar ao mundo o SERVIÇO da Oração.
— Dar TESTEMUNHO de vida de Oração em PLENO MUNDO.
— **ACOLHER**
  — aqueles que buscam o silêncio e querem rezar;
  — aqueles que querem aprender a rezar.
— **AJUDAR**
  — a decidir problemas;
  — a enfrentar situações;
  — a fazer uma parada para nova partida;
  — a buscar respostas;
  — a fazer opções;
  — a REZAR MAIS E A REZAR MELHOR.
— **DIFUNDIR**
  — assuntos relativos à oração.

QUEM

— Qualquer pessoa de boa vontade desejosa de crescer na vida de união com Deus.
— religiosos e leigos;
— homens e mulheres;
— jovens e adultos;
— de todas as condições sociais.

COMO — Atividades

— VIDA DE ORAÇÃO EM FRATERNIDADE;
— ESCOLA DE ORAÇÃO;
— RETIROS INDIVIDUAIS — número de dias a combinar — os necessários, os convenientes, de acordo com a situação de cada um.
  Retiros na Vida — segundo a 19.ª anotação dos Exercícios de Santo Inácio.
— Dias de silêncio.

Informações práticas

— Não há taxas estipuladas (aceitamos qualquer contribuição).
— Pequena Equipe especializada à disposição.

2. NOSSOS LOCAIS

Dispomos de 11 quartos individuais, cada um com banheiro completo. Destinamos 4 às nossas Irmãs de comunidade permanente e os outros 7 podem ser ocupados por quem nos procure.

A pequena Capela tem um tabernáculo apropriado para que nós mesmos possamos fazer a Exposição do Santíssimo Sacramento sem depender de sacerdote.

Temos também uma sala de música para que, pela música, possam todos se unir mais intimamente a Deus.

Além disso, refeitório e pequena copa.

A Casa dispõe, no 5.º andar, de uma biblioteca de espiritualidade com 3.000 volumes catalogados por livro, autor e assunto — o que nos facilita preparar retiros, tríduos, dias de silêncio, para quantos nos procuram.

Temos ainda uma pequena sala (comportando no máximo 15 pessoas) para nela funcionar a Escola de Oração, palestras e reuniões.

A Casa recebeu tratamento acústico, o que faz diminuir de 50% o barulho da rua.

Também procuramos dar, a tudo em geral e a cada detalhe em particular, um cunho de bom gosto e sobriedade, de tal maneira que o rico não se sentisse deslocado e o pobre se sentisse bem.

Tudo nosso é pequeno — a casa não quer ser grande, não quer atingir a massa, mas trabalhar bem com pequenos grupos, pessoa por pessoa. Os psicanalistas, hoje, gastam um grande número de horas semanais com uma só pessoa. Por que não fazer o mesmo quando se trata de ajudar a rezar mais e melhor?

No fundo da sala de reuniões o Mapa Mundi lembra sempre a universalidade da oração e, olhando para o mundo, no fundo do corredor, a imagem de Maria a quem invocamos como a Mãe do Puro Amor.

À porta da Capela colocamos um enorme Rosário (a "síntese do Evanvelho") e, de outro lado, um quadro muito importante — é o que nos lembra intenções de oração. Encabeçando-o vemos escrito "intercessoras por todos os homens" — aí estão manchetes dos jornais e revistas ("Guerra", "racismo", "juventude", "tóxicos", "paz", "Sínodo") e os freqüentadores e amigos enviam também suas intenções particulares de oração que são afixadas ("pela família tal" "pela operação de F.", "pelo colégio X" etc.). Assim, vamos tentando cumprir parte de nossa finalidade: prestar ao mundo o serviço da oração.

O grande terraço, cheio de plantas, coloca-nos ao mesmo tempo em contato com a natureza (o mar . . . o Cristo do Corcovado . . . o Pão de Açúcar . . .) e em pleno mundo (o casario em volta, os automóveis se entrecruzando acelerados).

Uma coisa que já vivemos em Betânia: não temos **hóspedes** — só temos **irmãos.** Assim, todos que estão conosco devem sentir-se em casa, isto é, eles mesmos fazem o seu quarto, lavam sua louça, ajudam na arrumação da casa, entram e saem para rezar quando querem, freqüentam, com liberdade, todos os locais da Casa.

As Irmãs da Comunidade não tocam em dinheiro. Temos uma caixa no local na qual, aqueles que quiserem e puderem, colocam sua contribuição. Betânia é sustentada pelas duas comunidades da Sociedade no Rio que assim decidiram.

3. NOSSAS REALIZAÇÕES ATÉ AGORA

Betânia começou a funcionar a 2 de julho de 1971 quando o Santíssimo Sacramento foi colocado na pequena Capela.

Desde antes, entretanto, já estávamos recebendo religiosas e leigos para retiros individuais e tríduos de oração.

Nossas Irmãs do Rio e algumas dos Estados têm procurado a Casa para seus retiros anuais individuais e recolhimentos mensais. Nossas superioras do Brasil, em maio, fizeram em Betânia seu Retiro anual.

Semanalmente, aos sábados, encerrando a Exposição do Santíssimo Sacramento, o Noviciado Provincial organiza uma piedosa celebração do Rosário segundo o método do Rosário Renovado que nada mais é que o preconizado por Domingos, O Cartuxo, em 1384...

Mas a principal atividade de Betânia foi o início, a 16 de agosto, da Escola de Oração. Iniciaram dois grupos de 10 alunos — um, à noite, e outro, no meio da tarde. Compuseram estes grupos religiosos e leigos (de todas as condições sociais — jovens de nosso Pensionato, senhoras da vizinhança e um trocador de ônibus. De todos os graus de cultura — apenas com curso primário e jovens com profissões liberais: dentista, advogada, assistente social; de todas as idades (uma adolescente de 16 anos e um vovô de 63).

O curso teve o seguinte programa, que foi aumentado no seu correr segundo as necessidades dos alunos, pois, quando iniciamos, não tínhamos experiência:

— A oração na Bíblia
— O Mistério da Graça
— Necessidade da Oração
— Formas de Oração
— Jesus, Mestre e Modelo de Oração
— O Pai Nosso
— Condições para a Oração
— Maneiras de fazer a Oração
— Etapas no caminho da oração
— Dificuldades na oração
— Oração comunitária
— Oração litúrgica (Ofício Divino e Celebração Eucarística)
— Paraliturgias
— Oração na vida

Na primeira hora fazíamos uma exposição da matéria, depois uma parada para um cafezinho, meia hora de oração silenciosa ou comunitária e meia hora de troca de idéias entre os participantes.

O grupo que terminou o curso parece ter aproveitado, segundo os testemunhos que nos foram dados. Desejam agora reunir-se uma vez por semana para rezar juntos — isto será o início dos Centros de Oração que Betânia está tentando espalhar na Guanabara e, mesmo através do Brasil. Aqui em nossa terra, onde temos tantos Centros Espíritas, porque não termos Centros de Oração — nas casas de família, nas obras

sociais, nas casas religiosas onde um pequeno grupo de leigos e religiosos, de todas as culturas e condições, se reúna para partilhar o Evangelho?

Apresentamos aqui o que nos parece dever ser corrigido nos próximos cursos da Escola de Oração.

— Seria ideal que o curso fosse de 3 meses, duas vezes por semana.

— Necessidade de entrevistar antes, os participantes.

— Parece necessário um maior aprofundamento sobre as Virtudes Teologais e os Dons do Espírito Santo.

— Seria melhor, talvez, separar leigos de religiosas. Para verificar, fazer uma experiência.

— Não admitir visitantes nos grupos. Dificulta o entrosamento.

— A dinâmica de grupo feita na quinta aula deveria ter sido feita na segunda ou terceira.

— Para ajudar a interiorização da aula, especialmente para quem nunca fêz oração mental, ajudar com perguntas.

— Manter os "trabalhos para casa" mas pedir contas do que fizeram.

— Para religiosas, acrescentar uma aula sobre "erros de catequeses e de formação para a oração e meios de corrigi-los".

— Seria útil umas duas conferências finais de repetição.

— Fazer uma avaliação final, em aula, não confiar que os alunos mandarão por escrito.

Como resultados, palpáveis, de Betânia, já tivemos, até agora:

— Uma vocação para nossa Congregação.

— Duas jovens de 16 e 17 anos, nossas alunas, mobilizaram a vizinhança para participarem de uma "Missa Jovem" aos sábados na Capela do Instituto Social.

— Estamos sendo chamadas para palestras sobre a Oração nas reuniões de religiosas da Guanabara e mesmo fora do Rio.

— Já temos 12 publicações sobre a Oração, mimeografadas e sendo difundidas, cumprindo, assim, nossa finalidade de difundir assuntos relativos à oração.

Mas, pensamos, os verdadeiros resultados "são invisíveis aos olhos..."

4. BETÂNIA ESPIRITUAL

Antes do início de nossa Casa de Oração fizemos entre nossas Irmãs do Brasil um movimento chamado "Betânia Espiritual". Escrevemos a cada uma das Irmãs uma cartinha pessoal. Solicitávamos sua adesão que implicaria em orações pelas intenções do trabalho da Betânia e por aquelas que fossem confiadas à mesma. Das 134 Irmãs brasileiras obtivemos 90% de respostas positivas entre as quais todas as nossas Superioras.

Isto nos une através de todo o Brasil numa poderosa corrente de oração e é na oração que colocamos toda a força de Betânia.

Betânia é, portanto, uma obra de toda a nossa Congregação no Brasil.

Sabemos que, num pequeno artigo, é impossível dizer tudo. Muitas interrogações ficarão na mente dos que nos lerem. Quem desejar maiores informações, nossa comunidade se coloca à disposição para responder.

A REGIONAL DE FORTALEZA

Realidade sócio-religiosa

Tradicionalmente católica: 9 dioceses no Ceará (Fortaleza, Itapipoca, Sobral, Tianguá, Crateús, Crato, Iguatu, Quixadá, Limoeiro do Norte); 3 dioceses e 2 prelazias no Piauí (Teresina, Parnaíba, Oeiras, São Raimundo Nonato, Bom Jesus). Centros de devoção popular: Canindé e Juazeiro do Norte.

Sociedade agrícola tradicional. Centros urbanos crescentes. Pouca industrialização, embora em desenvolvimento. Baixa renda **per capita.** Alto crescimento demográfico. Movimento de emigração, sobretudo do Ceará para o Sul do País, ultimamente para o Maranhão e a região amazônica.

Situação da Igreja

Ligada à sociedade em muitos centros.

Caminhos novos para atender as necessidades

Comunidades eclesiais de base. Diversificação dos ministérios.

Dificuldades

Choques com a ordem estabelecida.

Vida religiosa e vocações

Por ocasião da Assembléia Eletiva foi distribuído às Ordens e Congregações presentes, em número de 30,

REPORTAGENS

um questionário, com esta questão e outras para cuja resposta a Regional não dispunha de dados. Devolveram o questionário, parcial ou integralmente preenchido, apenas cinco congregações. Sobre esta questão afirmaram:

Capuchinhos: Nossos seminários continuam funcionando, estilo aberto, queremos dizer, para seminaristas e não seminaristas. Internato, somente para quem quer e tem condições financeiras. Há notável movimento de vocações adultas. Verifica-se mais autenticidade e aplica-se melhor seleção criteriosa dos vocacionados. Evita-se hoje, principalmente, o paternalismo de se manterem muitos meninos nos seminários, sem nenhum resultado. Procura-se dar aos estabelecimentos de ensino Orientadores Vocacionais.

Lazaristas: Praticamente não existe nenhum movimento vocacional em nossa Província. Estamos apenas acompanhando alguns alunos adiantados, que fizeram estudos na Escola Apostólica. Quanto ao recrutamento específico para a nossa Congregação, não descobrimos nenhum sinal de mudança.

Dorotéias: Interrompemos desde agosto de 1969 o Noviciado para reiniciá-lo dentro da linha de **Renovationis Causam.** As nossas noviças foram para o Noviciado da Congregação em Olinda, PE. Há algum sinal de mudança: Jovens estudantes vocacionadas, a título de experiência, estão participando da nossa vida comunitária.

Filhas do Imaculado Coração de Maria: Mantemos Clubes de formação cristã e um aspirantado. Vemos sinal de mudança porque a linha hoje é outra. As diretrizes do movimento vocacional são baseadas na renovação pós-conciliar.

Centros de formação intercongregacional

Funciona, há alguns anos, o Juniorato Intercongregacional no Instituto de Ciências Religiosas da Arquidiocese de Fortaleza. Coordenação do Departamento de Formação para a Vida Religiosa da CRB.

Trabalhos que realizam os religiosos

São os trabalhos tradicionais e característicos de cada Congregação. Conforme as respostas das cinco congregações, citadas linhas acima: Paróquias, Capelanias de Leprosários, de Comunidades Religiosas, Educação e Ensino Sistemáticos (1.º e 2.º graus), Hospitais, Obras de Assistência e de Promoção Humana, Evangelização em Grupos, Formação de Leigos da Ordem III Franciscana, Pregações Populares, Ensino e Educação Assistemáticos, Catequese Paroquial etc.

Estas obras e atividades respondem às prioridades?

De maneira superficial e mais nas capitais do que no interior. Há perplexidades em enumerar e indicar as necessidades prioritárias da região.

Entrosamento com a Pastoral de Conjunto

Capuchinhos: Há em todas as casas da Custódia e em todas as suas atividades solícito esforço para um tra-

balho cada vez mais conforme à Pastoral de Conjunto. Tanto no Ceará como no Piauí. **Lazaristas:** Há um entrosamento comum para aqueles que trabalham em paróquias. **Filhas do Coração Imaculado de Maria:** Procuramos o entrosamento com a Pastoral de Conjunto, desde que esta funcione.

Onde moram os religiosos?

No Estado do Ceará, vivem 1.627 religiosos em 212 comunidades. Destes: 952 vivem **na capital** em 95 comunidades; 189 vivem **nas maiores cidades** do interior em 26 comunidades; 486 vivem **no interior** do Estado em 91 comunidades.

No Estado do Piauí, Sub-regional de Teresina, vivem 262 religiosos em 39 comunidades. Destes: 120 moram **na capital** em 14 comunidades; 142 **no interior** em 25 comunidades.

E o diálogo entre religiosos e religiosas?

Se por diálogo se entendem: colaboração, ajuda mútua, entrosamento e corresponsabilidade nas atividades apostólicas, pode-se então afirmar que há sinais promissores de diálogo sobretudo no interior. Se pudesse citar exemplos, gostaria de apontar: Redentoristas e Missionárias de Jesus Crucificado, em Parnaíba, PI; Franciscanos e Irmãs da Caridade em Piripiri, PI; Missionárias Beneditinas e Salvatorianas em Bardalha, CE; Missionárias de Jesus Crucificado e Salesianos em Juazeiro do Norte, CE.

E o mesmo se repete nas periferias das duas capitais Fortaleza e Teresina: Redentoristas e Irmãs de São José, em Teresina; Sacramentinos e Dorotéias e Missionárias de Jesus Crucificado, em Fortaleza.

Diálogo, como autêntico relacionamento interpessoal, deixa muito a desejar. Há bastante a fazer.

Perspectivas para o futuro

De otimismo. Será necessário um trabalho longo, persistente, de aproximação, de mentalização, de experiências, de vivências. Creio que os Cursos de Dinâmica de Grupo e Criatividade Comunitária, os Encontros de Espiritualidade e Diálogo, a criação de Núcleos Diocesanos, ajudarão neste sentido, bem como a constituição e animação de Comunidades Eclesiais de Base.

Números e Estatísticas

Ordens e Congregações diferentes no Ceará: 46. Masculinos: 15; femininos: 31. No Piauí: 14. Masculinos: 6; femininos: 8.

Sede de governo provincial: No Ceará, 8. No Piauí, 2. Governo Geral: No Ceará, 5 e mais dois Mosteiros independentes de Contemplativas. No Piauí, nenhum.

Religiosos: No Ceará trabalham 196; no Piauí, 50. Religiosas: No Ceará trabalham 1.431; no Piauí, 212. Total: religiosos, 246; religiosas, 1.643.

Obras aceitas para atender aos Bispos

Capuchinhos: 6 paróquias; **Lazaristas:** 4 paróquias; **Dorotéias:** uma, no Conjunto Habitacional Mondu-

bim, Fortaleza. **Filhas do Coração Imaculado de Maria:** uma. **Josefinas:** 5 no Ceará, uma no Piauí.

Unidades de Ensino

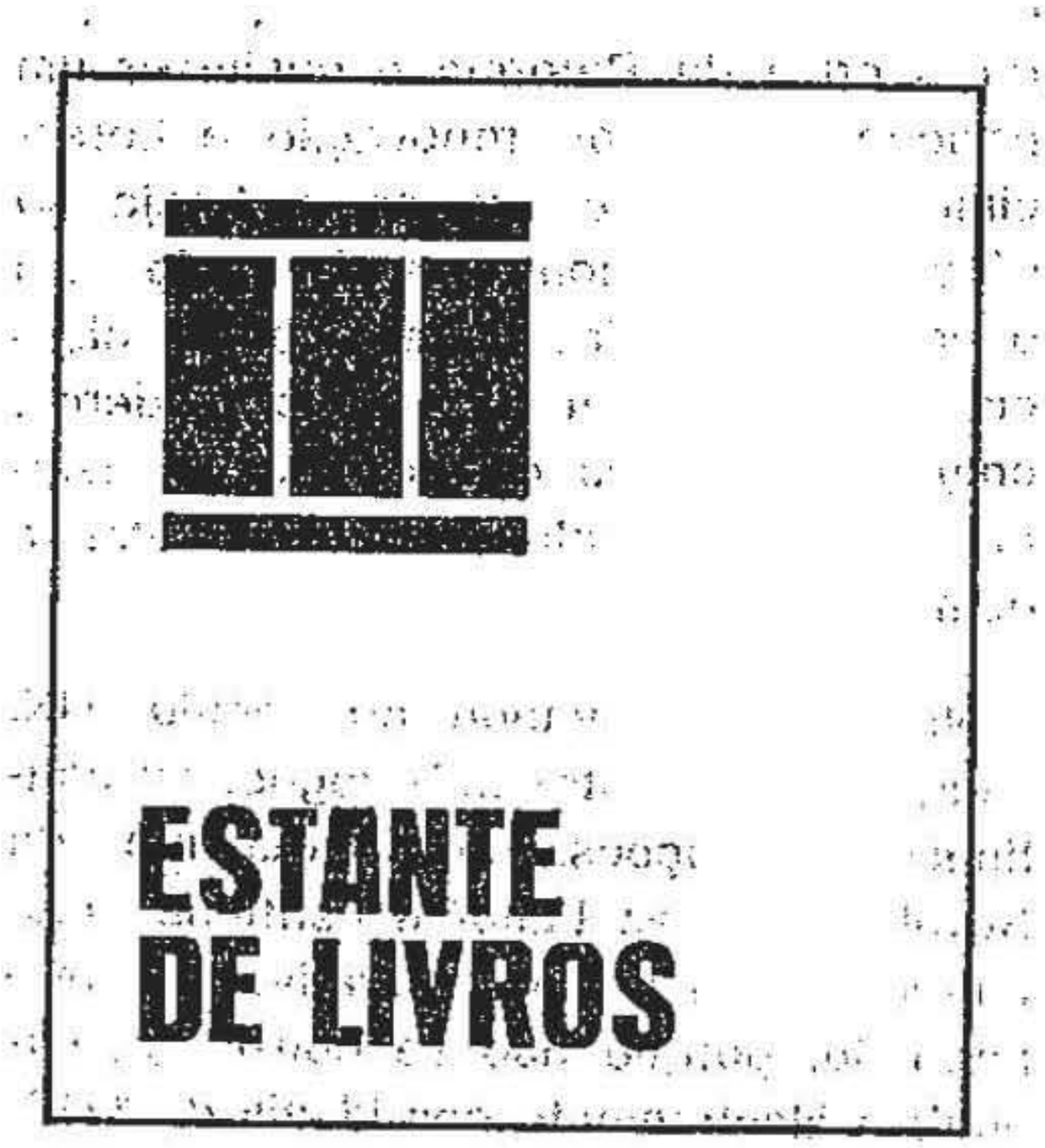
Capuchinhos: No Ceará, 5 unidades com 4.070 alunos. No Piauí, 2 unidades com 3.774 alunos. **Lazaristas:** um colégio em Fortaleza com 400 alunos. **Dorotéias:** 2 unidades com 1.166 alunos e uma Escola Gratuita com 340 alunos. **Josefinas:** 5 unidades de ensino, sem ulteriores especificações. **Coração Imaculado de Maria:** No Ceará, 9 unidades com 3.549 alunos; no Piauí, uma com 126 alunos.

Religiosos estrangeiros

De ciência própria, calculo em 50 os religiosos estrangeiros no Ceará e no Piauí.

O trabalho da CRB

Os empreendimentos da CRB-Fortaleza são geralmente bem aceitos. Uns, mais; outros, menos. Grande aceitação tiveram os contatos do Executivo com as comunidades religiosas do interior. Urge uma interiorização geográfica. Em nível regional, sem núcleos diocesanos, não se pode conseguir, em profundidade, os objetivos da CRB. Mostrando, em nível diocesano, realizações concretas, o que a CRB é e pretende ser e fazer, muitos obstáculos e desconfianças serão removidos. E creio ainda que elementos de gabarito das Congregações estariam em disponibilidade seja para as equipes de coordenação nas dioceses seja para a Comissão Executiva Regional.



EDITORA VOZES LTDA.
RUA FREI LUÍS, 100
CAIXA POSTAL, 23
PETRÓPOLIS - RJ

O MECANISMO DA MENTE HUMANA, Edward de Bono. Tradução do original **The Mechanism of Mind** de Eduardo Benevides. Ano 1971. Páginas: 350.

Desconhecemos 90% das potencialidades de nosso cérebro. Chegaremos a conhecê-las todas algum dia? Edward de Bono faz neste livro considerações e revelações sensacionais.

Divide o livro em duas partes. Na primeira trata da organização do cérebro. O mecanismo do cérebro é comparado a uma grande folha de papel, cheia de coisas escritas, mas que está no escuro. Sobre ela move-se pequena luz, como a luz de uma lanterna. As palavras constantes da folha representam a informação armazenada no cérebro. Apenas as palavras iluminadas pela luz são lidas.

Como vem esta escrita colocar-se sobre o papel? Como pode a luz mover-se sobre o papel sem que exista uma fonte externa e sem que haja qualquer mão para guiá-la? Por que a luz se move numa direção e não em outra? Como é que as palavras não são lidas, mas lêem-se a si mesmas?

Estas perguntas e suas respostas constituem o mecanismo básico da consciência, do livre arbítrio, da memória e do pensamento. O autor é de admirável precisão e clareza ao abordar assunto tão complexo.

A segunda parte do livro mostra como este mecanismo realmente funciona, como o cérebro pensa, ou melhor, como as pessoas pensam. É fascinante descobrirmos porque este mecanismo só funciona de certas formas, por que existem as limitações do raciocínio, por que existem quatro tipos básicos de pensamento (natural, lógico, matemático e lateral).

O melhor uso sempre flui de um melhor conhecimento. Conhecendo a estrutura básica de nosso cérebro e seu mecanismo, poderemos, sem dúvida, partir para um melhor uso, uso mais amplo, um uso que penetre ao menos um pouco na esfera dos 90% desconhecidos e inaproveitados.

MYSTERIUM SALUTIS. Volume I/3. Teologia Fundamental. Revelação e Igreja.. Ano 1971: Páginas 270.

Parte I: Revelação e Igreja — Igreja e Revelação. **Parte II:** Os encarregados de transmitir a revelação. **Parte III:** Os modos de executar a transmissão da revelação. **Parte IV:** Historicidade da mediação.

NOVA HISTORIA DA IGREJA. Volume IV. L. J. Rogier e J. Bertier de Sauvigny. Ano 1971. Páginas 480.

Com a publicação deste volume quarto da Nova História da Igreja — o terceiro a ser traduzido e publicado pela Editora Vozes — vai-se concretizando o desejo de termos em português uma historia da Igreja atualizada, renovada sólida.

Como os demais volumes, também este se caracteriza pela abertura ecumênica e por uma concisão e densidade extraordinárias. Obra de caráter internacional este quarto volume foi confiado a três especialistas de competência reconhecida: ROGIER (Nimega) analisa o período do Iluminismo e da Revolução Francesa, 1715-1800. BERTIER DE SAUVIGNY (Paris) trata da Restauração, 1800-1848. HAJJAR (Jerusalém) tem, para ambas as partes, um capítulo final sobre a Igreja no Oriente Próximo.

O período de 1715 a 1848 foi, para a Igreja, de tremenda crise. Após superar a crise da Reforma e conhecer um período de grande renovação e florescimento interno e externo, a Igreja do século XVIII se confronta de cheio com o novo mundo das Idéias: com a ciência moderna, com a filosofia moderna, com as tentativas de derrubar o sistema político vigente e de implantar a democracia.

Na primeira metade do século XIX, vê-se a Igreja entre dois fogos: as contínuas revoluções, desdobramento da Revolução, e as também contínuas restaurações, ou melhor. tentativas de restauração, porque não se conseguia impedir o alastramento dos ideais de 1789.

O homem de hoje que presencia uma crise em tantos aspectos igual à do período estudado neste volume, encontra aqui reflexões interessantes e pistas de compreensão.

TÉCNICAS DE SIMULAÇÃO EM COMPUTADORES, Thomas H. Naylor, Joseph L. Balintfy, Donald S. Burdick, Kong Chu. Tradução do original inglês **Computer Simulation Techniques** de Edmundo Emanuel Teixeira. Ano 1971. Páginas 405.

A implantação de Sistemas Eletrônicos de Processamento de Dados no País iniciou-se a partir da ultima década, desenvolvendo-se rapidamente, de tal sorte que todas as unidades da Federação já os possuem, utilizando-os dinamicamente nas várias áreas onde se faz necessário um suporte de cálculo deste nível.

Principalmente nos grandes centros técnicos do País, o grau de desenvolvimento atingido gerou a demanda de pessoal técnico habilitado à manipulação eficaz das novas técnicas de calculo digital e analógico, impondo as adaptações dos clássicos currículos universitários de então e estabelecendo, mesmo, programas universitários de especialização e pós-graduação.

A Editora Vozes Ltda., associando-se à Universidade de São Paulo no lançamento deste livro, objetiva oferecer aos universitários, através da Universidade brasileira, um dos mais completos textos expositivos sobre técnicas de simulação para computadores eletrônicos que, a par da experiência científica e pedagógica de professores da **North Caroline University,** inclui também a experiência internacional de organizações de alto nível como a IBM, Rand Corporation e outras.

Com a convicção da certeza, este lançamento da Editora Vozes e Universidade de São Paulo vem, em momento oportuno, prestar um grande auxílio à nossa juventude estudiosa, preenchendo uma lacuna na bibliografia em nossa língua, ao lado de oferecer subsídio incalculável à fixação de diretrizes à pós-graduação e pesquisa na área relativa à Matemática Aplicada.

HISTÓRIA DA LITERATURA HISPANO-AMERICANA, das origens à atualidade. Bella Jozef. Ano 1971. Páginas 370.

Nos últimos anos, a par com os recentes estudos sobre a linguagem, surge a preocupação com a literatura hispano-americana. Não é fruto apenas de uma coincidência aproveitada em termos jornalísticos, mas a íntima relação existente entre a revolução da linguagem e o papel nesta exercido pela linguagem hispano-americana.

O livro de Bella Jozef, professora de Literatura Hispano-Americana na Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, nos transmitirá uma experiência profissional de muita valia. pois se contam em reduzido número os que estudam a matéria entre nós. Que este livro seja a abertura de um diálogo cada vez mais amplo entre duas jovens literaturas, que abandonam as lições miméticas de um realismo reflexológico, ou nos casos mais raros, de um realismo da essência, pelo propósito de um realismo da linguagem.

RELAÇÕES HUMANAS NA FAMÍLIA E NO TRABALHO, Pierre Weil. Ano 1971. Páginas 220.

Primeira parte: **Relações humanas no trabalho.**

Sumário: **I.** O fator humano nas organizações. **II.** O grupo. **III.** O indivíduo. **IV.** Como participar de um grupo de trabalho. **V.** Como dirigir um grupo de pessoas. **VI.** Relações humanas entre grupos. **VII.** As comunicações. **VIII.** Liderança de reuniões. **IX.** Os problemas

de relações humanas. **X.** Soluções aos problemas.

Segunda parte: **Relações humanas na família.**

I. Psicologia do homem e da mulher. **II.** Namoro e noivado. **III.** Casamento e vida conjugal. **IV.** Relações humanas entre pais e filhos nas diversas fases da vida. **V.** Como conseguir obediência e disciplina. **VI.** Como evitar problemas nas relações entre pais e filhos e como tratá-los.

OUTRAS PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

A Reforma Agrária no Brasil, José Gomes da Silva. Zahar Editores. Rio de Janeiro. Ano 1971. Páginas 290.

Dialogo Ecumênico. Tomo VI. Ano 1971. Números 23-24. La Reforma Luterana Y El Catolicismo Español. Centro Ecumenico Juan XXIII. Universidad Pontificia, Salamanca. Numero especial dedicado ao Congresso Luterano Católico, de 14-18 de abril de 1971.

BROTÉRIA, revista de cultura e informação. N.º 11, novembro 1971.

COMMUNION, périodique trimestriel publié par la Communauté de Taizé, n.º 99.

CONSACRAZIONE E SERVIZIO, revista mensile delle religiose. Ano XX, n.º 11. Novembro 1971.

ARQUIDIOCESE EM NOTICIAS, boletim n.º 27, outubro 1971. Órgão da Coordenação Arquidiocesana de Pastoral. Belo Horizonte, MG.

TESTIMONIANZE, n.º 135, junho-julho 1971. N.º 136, agosto 1971.

PERCEPÇÃO, o processo básico do desenvolvimento cognitivo, Ronald H. Forgus. Editora Herder. Ano 1971. Páginas: 530.

A percepção, também tratada sob o tópico de discriminação e sensação, é, provavelmente, em psicologia, a área mais adiantada do ponto de vista científico, diz F. Keller no livro **Aprendizagem: uma teoria do reforço.** Mas além do adiantamento, este livro põe também em evidência um outro aspecto desta área: a sua vastidão.

Encarando a percepção como um processo de extração de informação, e contribuindo ao comportamento geral, o texto acompanha o que o autor chama de hierarquia ordinal. Partindo dos programas montados — que abrangem o fenômeno inato da percepção do brilho, passa pela forma como fenômeno intermediário e chega à percepção social e à conceituação como programas modificados em que a aprendizagem representa um importante papel.

Numa linguagem onde fluem termos de computador e da teoria de informação, o autor aborda especificamente,

percepção de movimento, forma, cor, espaço e eventos sociais, relacionando a percepção com a formação de conceito, a linguagem, a solução de problemas e o pensamento criador. E com isso como que leva o leitor a testemunhar com ele que a psicologia se encontra realmente em estágio de desenvolvimento de adolescente, tendo à frente um horizonte de conhecimento que se estende vastíssimo, com muitos caminhos ainda a explorar.

Embora o autor se coloque dentro de uma abordagem bastante específica, sua preocupação em manter um estilo informativo, de preferência a argumentativo, deixa muita discussão em aberto, tornando o texto de interesse não só a alunos de curso básico, a quem, aliás, se dirige, como também a estudantes de pós-graduação, psicólogos, pesquisadores, enfim a todos os interessados no campo.

EXTENSÃO RURAL, ano VI, n.º 69, setembro 1971.

MENSAGEIRO DE SANTO ANTÔNIO, n.º 10, outubro de 1971.

RENOVAÇÃO CRISTÃ, janeiro 1972. Ano 39. Revista da Editora Vozes Ltda.

BROTÉRIA, revista de cultura e informação. N.º 12, dezembro 1971.

RYTHMES DU MONDE, bulletin des missions. N.º 1, 1971.

SIGNO, revista trimestral da Conferência dos Institutos Religiosos do México. N.º 14, primeiro trimestre.

Todo o volume de 124 páginas foi dedicado à obediência. * **A teologia da obediência religiosa,** pág. 5. * **Questões fundamentais da obediência,** pág. 37. * **Fundamento e alcance teológico da obediência cristã,** pág. 53. * **A obediência religiosa dentro do marco conciliar,** página 79. * **A verdadeira obediência,** página 101. * **A obediência em Santa Teresa,** pág. 113.

PRETRES DIOCESAINS, novembro 1971.

CONSACRAZIONE E SERVIZIO, revista da União das Superioras Maiores da Itália. Suplemento especial ao n.º 10 para os sacerdotes assistentes.

ATUALIZAÇÃO, revista de divulgação teológica, n.º 23, novembro 1971.

* Jesus, homem como nós? pág. 479. * Estrutura sacramental da salvação, pág. 491. * O projeto teológico do evangelista Lucas, pág. 503. * Liturgia e comunicação, pág. 516.

VIDA EN FRATERNIDAD, n.º 8, novembro-dezembro 1971. Revista da Conferência Argentina de Religiosos.

CRC, BULLETIN, revista da Conferência dos Religiosos do Canadá, n.º 7, setembro 1971.

NOSSO BOLETIM, órgão oficial da Regional da CRB-SP. Com regularidade, o Nacional recebeu esta publicação. Do número de dezembro-1971, destacamos: O GESTO CRISTÃO, página 19-20. EXPERIÊNCIA FUNDAMENTAL DO HOMEM: INTERIORIZAÇÃO DE DEUS, páginas 15-17.

GRANDE SINAL, novembro 1971. Neste número apontamos: COMO VAMOS CHAMAR JESUS CRISTO HOJE? Leonardo Boff, OFM, páginas 662-678.

Fé em Cristo é um contínuo processo de inserimento daquilo que ele significa, dentro de nossa compreensão da vida, do homem e do mundo. Como va-

mos exprimir nossa fé com fórmulas inteligíveis para nós e que representam nossa contribuição na decifração do mistério de Cristo? Frei Leonardo realça que a humanidade de Cristo, reveladora de Deus e das respostas aos anselos humanos constitui a ponte que nos liga a Cristo. A admiração por ele, ontem e hoje, está na origem de toda cristologia. Passa em seguida em revista alguns títulos ou nomes pelos quais nós hoje inserimos Cristo dentro de nossa compreensão.

Jesus como "homo revelatus", o futuro presente, conciliação dos opostos, revolucionário, arquétipo da mais perfeita individualização e Deus dos homens. Jesus homem é contínua memória crítica daquilo que deveríamos ser e ainda não somos e um permanente convite para que sejamos cada vez mais.

RENOVAÇÃO, boletim informativo do Regional Sul 3 da CNBB e CRB, n.º 52, dezembro de 1971. Chega com boa regularidade ao Nacional.

TEORIA DA INFORMAÇÃO, Marcelo Casado d'Azevedo. Editora Vozes e Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Ano 1971. Páginas 180.

CONCÍLIO E VIDA INTERIOR, Vitório Morero. Edições Paulinas. Ano 1971. Páginas 400. Tradução do italiano Concilio e Vita Interiore, por Georges Ignacio Maissiat.

EIS A NOSSA FÉ, Emílio Rideau. Edições Paulinas. Ano 1971. Páginas 270. Tradução do francês Voici Notre Foi, por Antônio Gomes de Mendonça.

OS MICRÓBIOS E O HOMEM
John Postgate, Editora Vozes Ltda., 1971

A Editora Vozes, em seu louvável intuito,
de difundir os conhecimentos até agora restritos
a pequeno círculo de especialistas e pesquisadores,
entrega ao leitor brasileiro este livro genial
e fascinante do Professor de Microbiologia
da Universidade de Sussex, John Postgate.

A vida na terra não poderia existir sem os micróbios.
Basta dizer que em cada grama de solo fértil
existem cerca de 100.000.000 de bactérias vivas.
e que a massa total da vida microbiana
neste planeta foi estimada em 25 vezes à massa
total da vida animal, aquática e terrestre.

Estas criaturas microscópicas estão longe
de ser apenas causadoras de doenças.

Mostra este livro como os micróbios conservam
em movimento nossa bioquímica terrestre e influenciam
nosso abastecimento alimentar desde a plantação
até a colheita, transformação, consumo e digestão.

Mostra, como, há milhões de anos atrás, formaram
as jazidas de carvão de pedra e jazidas de outros
elementos dos quais depende hoje a indústria pesada.
Mostra como atuam na corrosão e deteriorização
dos materiais e na eliminação dos detritos.

Apesar dos micróbios constituírem os seres vivos
mais adaptáveis, podem fornecer indicações valiosas
sobre os tipos de criaturas que existiram
em qualquer lugar do universo, desde quando
teve início a vida neste planeta. O conhecimento
dos processos vitais dos micróbios forma a base
da moderna biologia celular. Este livro,
ainda que não rigidamente moldado em padrões didáticos,
pode figurar com proeminência, e creio mesmo
indispensável, em qualquer biblioteca de professor
ou aluno de química ou biologia. Toda pessoa
que espanta com o simples nome **micróbios,**
após a leitura deste livro, fará de alguns seus
amigos e de outros seus desafetos perenes.

Um investimento neste livro poderá significar
a eliminação de problemas crônicos, de fobias
infundadas, bem como a prevenção de distúrbios de saúde.

A CRISE DA ORGANIZAÇÃO
João Bosco Lodi, Editora Vozes Ltda., 1971

João Bosco Lodi é Professor de Administração
de Emprêsas na Fundação Getúlio Vargas
e consultor de administração empresarial
do Grupo Real. É um dos maiores especialistas
brasileiros nesta área. Já publicou cinco livros,
um dos quais, "História da Administração".

Recebeu o primeiro prêmio num concurso promovido
pelo IDORT de São Paulo.

A Crise da Organização que pretende expor
as contradições estruturais da empresa de hoje,
mostrando o que acontece atualmente
na gestão empresarial. Constituem o cerne

do livro os seis itens abaixo, propostos por Peter Drucker, em seu livro **Tecnologia, Gerência e Sociedade**, como base da teoria e prática da administração de hoje. O autor os analisa, amplia e tira conclusões:

1.º) As grandes tarefas da sociedade são cumpridas por instituições organizadas e administradas. A administração é função social central e genérica da sociedade.

2.º) Porque nossa sociedade está se tornando uma sociedade de organizações todas as instituições inclusive as empresas, devem sentir-se responsáveis em melhorar a qualidade da vida.

3.º) Inovar deve ser considerado tão importante como administrar o que já existe e, talvez, até mais importante nos próximos anos.

4.º) Mais do que fazer o operário tornar-se produtivo, a grande tarefa de nossa época é tornar o conhecimento produtivo. O capital básico, o investimento fundamental, mas também o centro de custo de uma economia desenvolvida é o **trabalhador do conhecimento.**

5.º) Além de ser ferramenta, técnica, conceito, princípios e disciplina, a administração é uma cultura e um sistema de valores. A administração é o instrumento através do qual a diversidade cultural pode servir a propósitos comuns da humanidade.

6.º) O desenvolvimento é o resultado da administração e não o contrário. Talvez se possa dizer que não há países subdesenvolvidos, mas sim países subadministrados.

VOCÊ É UM HOMEM DE ESPERANÇA?

João XXIII chegou de improviso.
E o Concílio também.
Não o esperávamos.
Quem ousará dizer que a imaginação
e o amor de Deus se esgotaram?
Esperar é um dever. Não um luxo.
Esperar não é sonhar.
É o meio de transformar
o sonho em realidade.
Felizes os que têm a audácia
de sonhar e estão dispostos a pagar
um preço para que seu sonho
se encarne na história dos homens.

Cardeal Suenens